



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**A configuração argumental dos verbos *dicendi* na conversação**

LEONARDO MEDEIROS DA SILVA

NATAL-RN  
2015

LEONARDO MEDEIROS DA SILVA

**A configuração argumental dos verbos *dicendi* na conversação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito à obtenção de título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

**Orientadora:** Maria Angélica Furtado da Cunha.

NATAL-RN

2015

UFRN. Biblioteca Central Zila Mamede.  
Catalogação da Publicação na Fonte

Silva, Leonardo Medeiros da.

A configuração argumental dos verbos *dicendi* na conversação / Leonardo Medeiros da Silva. – Natal, RN, 2015.

88 f. : il.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Angélica Furtado da Cunha.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

1. Estrutura argumental – Dissertação. 2. Verbos *dicendi* – Dissertação. 3. Discurso reportado – Dissertação. 4. Conversação – Dissertação. I. Cunha, Maria Angélica Furtado da. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 81'42

### ATA 395ª DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e cinco dias de fevereiro de 2015, às 14:00 no Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi instalada a comissão examinadora responsável pela avaliação da dissertação de mestrado intitulada: **A configuração argumental dos verbos *dicendi* na conversação**, apresentada pelo mestrando **LEONARDO MEDEIROS DA SILVA** ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, como parte dos requisitos para obtenção do título de **MESTRE EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**, área de concentração em Linguística Teórica e Descritiva. A comissão examinadora foi presidida pela professora doutora **MARIA ANGÉLICA FURTADO DA CUNHA** (UFRN) e contou com a participação dos professores doutores **ROSÂNGELA MARIA BESSA VIDAL** (UERN) e **EDVALDO BALDUÍNO BISPO** (UFRN). A sessão teve duração de 2 horas e a comissão emitiu o seguinte parecer:

*Considerando que o trabalho cumpre o objetivo a que se propôs e que é consistente teorica e metodologicamente, a dissertação foi aprovada.*

Natal, 25 de fevereiro de 2015

  
Prof.ª Dr.ª Maria Angélica Furtado da Cunha  
Orientadora e Presidente da Comissão

  
Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo  
Examinador Interno

  
Prof.ª Dr.ª Rosângela Maria Bessa Vidal  
Examinadora Externa

  
Leonardo Medeiros da Silva – Mestrando

*Ao meu filho, cujo sorriso é fonte de inspiração.  
À minha amada esposa Patrícia, cuja luz nos  
olhos guia nossos passos.  
Ao meu pai.  
À minha mãe.  
À vovó Cida, como fruto de todos os  
ensinamentos.*

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte e ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, pela oportunidade de desenvolver este trabalho.

A Edvaldo Bispo, pelas contribuições na banca de qualificação e por ter aceito o convite em participar da banca de defesa desta dissertação.

À Rosângela Vidal, por ter aceito o convite em participar da banca de defesa desta dissertação, pela paciência e pelo tempo empregado na leitura deste trabalho.

A J. Romerito, pelas contribuições na banca de qualificação desta dissertação e pelas valorosas contribuições à minha formação docente.

Aos colegas do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, pelas relevantes contribuições à minha formação acadêmica e pessoal.

A Fabiano Carvalho, pela infinda paciência.

À Rhena, pelo apoio dado na reta final deste trabalho.

À minha orientadora Angélica, por ter acreditado em mim e ter investido seu tempo e seu conhecimento na minha formação. É em sua competência que me inspiro.

Aos meus amigos/irmãos, Orlando e Renan, pelo companheirismo e cumplicidade ao longo da vida.

À minha mãe, por todos os ensinamentos que hoje formam meus princípios.

Ao meu pai, pelos ensinamentos para a vida.

À minha irmã, por estar ao meu lado em todas as aventuras.

À Vovó Cida, por sempre me apoiar e por incentivar meus estudos.

À minha esposa Patrícia, por estar sempre ao meu lado, apoiando minhas decisões e me dando forças para que eu continue caminhando.

Ao meu filho, Bernardo, pelos inspiradores sorrisos matinais e pelo amor que recebo.

A todos que contribuíram de alguma maneira.

A Deus, por minha saúde e pelo dom da vida.

*PASSAGEM DA NOITE*

[...]

*Existir: seja como for.*

*A fraterna entrega do pão.*

*Amar: mesmo nas canções.*

*De novo andar: as distâncias,*

*as cores, posse das ruas.*

*Tudo que à noite perdemos*

*se nos confia outra vez.*

*Obrigado, coisas fiéis!*

*Saber que ainda há florestas,*

*sinos, palavras; que a terra*

*prossegue seu giro, e o tempo  
não murchou; não nos diluímos.*

*Sugar o gosto do dia!*

*Clara manhã, obrigado,*

*o essencial é viver!*

[Carlos Drummond de Andrade]

## RESUMO

Esta dissertação consiste em um estudo sobre o comportamento dos verbos *dicendi* (VD) na conversação. O objetivo é analisar a configuração argumental desses verbos a fim de investigar o modo como esse tipo de verbo e seus argumentos se manifestam em contextos reais de uso da língua. O foco da investigação recai sobre as características morfossintáticas, semânticas e pragmáticas dos argumentos externo e interno dos VD. Sendo assim, examinarei i) a relação sintático-semântica que esses argumentos mantêm com os VD, ii) o nível de integração entre a oração matriz e o discurso reportado (introduzido pelo VD da oração matriz), iii) os fatores que determinam a seleção e a organização do(s) argumento(s) interno(s) e iv) se há preferência de algum tipo de estrutura em detrimento de outras. Os VD são considerados como sendo de sintaxe única, uma vez que diferem dos verbos transitivos típicos e, igualmente, dos verbos intransitivos típicos. O presente trabalho está ancorado nos preceitos teóricos e metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, que defende a análise da língua a partir de seu uso, isto é, em interações comunicativas reais. Portanto, essa abordagem considera que a situação comunicativa interfere diretamente na enunciação. A pesquisa tem como *corpus* o Banco Conversacional de Natal (FURTADO DA CUNHA, 2011), que constitui uma amostra de conversação natural. A partir da análise desenvolvida, foi possível perceber que essa classe semântica de verbo possibilita a ocorrência de diversificadas estruturas argumentais, entretanto algumas delas se mostram muito mais frequentes do que as demais, por causa de sua menor complexidade estrutural e cognitiva.

**Palavras-chave:** estrutura argumental, verbos *dicendi*, discurso reportado, conversação.



## ABSTRACT

This dissertation is a study of the behavior of verbs of utterance (VU) in natural conversation. The goal is to analyze the configuration of these verbs to investigate how this type of verb and its arguments are manifested in real language usage. The research focuses the morphosyntactic, semantic and pragmatic characteristics of the external and internal arguments of VU. Therefore, I examine i) the syntactic-semantic relationship of these arguments with the VU, ii) the level of integration between the matrix sentence and the reported speech (introduced by a VU), iii) the factors that determine the selection and arrangement of the internal argument, iv) if there is a preference for certain types of argument structure over others, v) if the direct object is new or old information, and vi) if the object occurs on the figure or background portion of the text. The VU are considered by Munro (1982, *apud* FURTADO DA CUNHA, 2006b) unique in syntax as they differ from typical transitive verbs as well as typical intransitive verbs. This work is grounded on theoretical and methodological principles of *Linguística Funcional Centrada no Uso* – Usage-based Theory, in English – (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; MARTELOTTA, 2011; BYBEE, 2010), which argues for the analysis of language in use, that is, in spontaneous communicative situations. Therefore, this approach takes into account that the communicative situation directly affects the language. The database is *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011), which is a sample of natural speech. From the analysis conducted, it was revealed that this verb semantic class enables the occurrence of diversified argument structures, though some of them show much more common than the others, because of its smaller structural and cognitive complexity.

**Keywords:** argument structure, utterance verbs, conversation, reported speech.

### **Lista de abreviaturas**

AE: argumento externo

AI: argumento interno

BCN: Banco Conversacional de Natal

DD: discurso direto

DI: discurso indireto

DR: discurso reportado

EA: estrutura argumental

OD: objeto direto

ODo: objeto direto oracional

OI: objeto indireto

OM: oração matriz

OØ: objeto inferido

S: sujeito

SN: sintagma nominal

V: verbo

VD: verbo *dicendi*

VDØ: verbo *dicendi* inferido

UE: unidade entonacional

### **Lista de símbolos**

((minúscula)) – comentário do transcritor. Por exemplo: ((risos))

< > - citação

:: - qualquer alongamento

... - qualquer tipo de pausa, substituindo todos os sinais específicos da língua escrita que desempenham tal função: ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos e vírgula.

( ) - incompreensão de palavras ou segmentos

/ - truncamento

“ ” - discurso direto

F+no. – Identificação do falante. Por exemplo: F1 (Falante 1), em distinção de F2 (Falante 2).

## **Lista de quadros e gráficos**

Quadro 1: Escala de prototipicidade da relação gramatical objeto direto no Corpus D&G .....	30
Quadro 2: Tipos e ocorrências dos verbos dicendi .....	44
Gráfico 1: Tipos e frequência de estruturas argumentais .....	47
Gráfico 2: Tipos de EA dos VDØ .....	56

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 2: OS VERBOS <i>DICENDI</i> NA LITERATURA</b> .....	18
<b>CAPÍTULO 3: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</b> .....	25
3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso.....	25
3.1.1 Estrutura argumental.....	28
3.1.2 Transitividade .....	31
3.1.3 Marcação, Contrastividade e <i>Frame</i> .....	34
3.2 Caracterização do <i>corpus</i> e aspectos metodológicos.....	37
<b>CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	40
4.1 Caracterização dos verbos <i>dicendi</i> no BCN.....	40
4.2 A configuração argumental dos verbos <i>dicendi</i> na conversação.....	45
4.3 A configuração argumental do discurso reportado introduzido por um verbo <i>dicendi</i> elíptico.....	55
<b>CAPÍTULO 5: CONCLUSÃO</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65
Anexos.....	68
I. Exemplário.....	69



# CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

## CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Os verbos *dicendi* (doravante, VD) são aqueles que introduzem um enunciado produzido noutro momento enunciativo. Esses verbos podem reportar, portanto, discurso direto (DD) ou discurso indireto (DI). No caso do DD, este é introduzido, na escrita, por “:” (dois pontos) ou, na oralidade, por uma pequena pausa antes do discurso reportado. O DI, por sua vez, pode ser introduzido pelas conjunções “que” ou “se” (NEVES, 2000). Nesse trabalho, considerarei os dois tipos de discurso.

A respeito dos argumentos introduzidos pelos VD, Furtado da Cunha (2006a) afirma que:

Em geral, admite-se que o discurso direto reproduz literalmente as palavras de um falante, enunciadas numa ocasião anterior, ao passo que o discurso indireto envolve a paráfrase das palavras de alguém no discurso do falante corrente. [...] Entretanto, meramente apontar as diferenças sintáticas e semânticas entre esses dois tipos de discurso reportado não é suficiente para revelar o modo como eles são usados em contextos reais de uso da língua (p. 70).

Vale frisar que é possível que um VD introduza um DR que não foi produzido “numa situação anterior”. Isto é, se refira a um enunciado que ainda será produzido, como em: “eu vou **dizer** que ela nunca mais volte”.

Os VD, segundo Furtado da Cunha (2006b, 2012), são verbos de ação-processo. De acordo com Borba (1996), os verbos de ação-processo são aqueles que expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação levada a efeito por um sujeito causativo, que afeta ou efetua um complemento, seu objeto direto.

No que se refere a essa classificação semântica, segundo Borba (1996), um objeto é afetado quando ele “experimenta” uma alteração física ou psicológica. Por sua vez, um objeto é efetuaado quando ele “passa a existir”, ou seja, é “criado” pelo verbo. Considerando isso, temos que o VD *efetua* seu objeto: o discurso reportado (DR).

De maneira ampla, é consenso entre os teóricos que o discurso direto busca reproduzir as palavras de um falante, produzidas noutro momento (passado ou futuro) e reproduzidas na situação comunicativa presente,

enquanto o discurso indireto está relacionado à paráfrase da fala de outra pessoa no discurso que segue.

O presente trabalho está ancorado nos princípios teóricos e metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso<sup>1</sup> (FURTADO DA CUNHA, BISPO, SILVA, 2013) ou Linguística Cognitivo-Funcional (MARTELOTTA, 2011; TOMASELLO, 1998), que defende a análise da língua a partir de seu uso, isto é, em situações comunicativas reais. Portanto, essa abordagem considera que a situação comunicativa interfere diretamente na enunciação.

Essa vertente teórica leva em consideração, na análise dos dados, um conjunto de elementos presentes na situação de interação, que compreende os interlocutores, as condições de produção e a dinâmica do ato comunicativo. Com base nesses aspectos, é possível afirmar que os usuários da língua, em suas interações, são responsáveis pelas mudanças que ocorrem na estrutura da língua, ou seja, em sua gramática.

Os VD são considerados por Munro (1982, *apud* FURTADO DA CUNHA, 2006a) como sendo de sintaxe particular, uma vez que diferem dos verbos transitivos típicos e, igualmente, dos verbos intransitivos típicos, dada sua ampla possibilidade de configurações argumentais. Essa característica, por si só, motivou várias pesquisas acerca do comportamento sintático desse verbo; contudo, grande parte do conhecimento produzido não se baseia em dados espontâneos de fala. Daí a justificativa para o desenvolvimento deste trabalho, que pretende analisar a configuração argumental dos VD em enunciados produzidos em situações espontâneas de uso da língua, mais especificamente na conversação. Para tanto, utilizarei como fonte principal de dados empíricos o *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011).

Assim, tenho como objetivo geral analisar a configuração argumental dos VD a fim de investigar a maneira como esse tipo de verbo e seus

---

<sup>1</sup> Esta denominação surgiu a partir de discussões realizadas no Grupo de Pesquisa *Discurso & Gramática*. Esse grupo possui sedes na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

argumentos se comportam em contextos reais de uso da língua. Como objetivos específicos, proponho-me a investigar: i) a relação sintático-semântica que esses argumentos mantêm com os VD; ii) o nível de integração entre a oração matriz e o discurso reportado (introduzido pelo VD da oração matriz); iii) os fatores que determinam a seleção e a organização do(s) argumento(s) interno(s); e iv) se há preferência por algum tipo de estrutura em detrimento de outras. Assim, o foco da investigação recai sobre as relações sintáticas, semânticas e pragmáticas que o VD mantém com seus argumentos.

A realização desta pesquisa é motivada pela pouca atenção dada à análise da configuração argumental dos verbos *dicendi*, especialmente no português do Brasil e a partir da análise de dados reais de fala. Com os resultados desta pesquisa busco suscitar a discussão a respeito dessa classe semântica de verbo e das estruturas argumentais possíveis na conversação.

As questões de pesquisa deste trabalho consistem em observar os padrões recorrentes na conversação para saber que construções argumentais os falantes de fato usam. Além disso, farei uma breve discussão sobre as estruturas argumentais marcadas e não marcadas.

Uma hipótese a ser investigada consiste na pressuposição de que os VD têm alta produtividade na conversação, porque essa interação linguística se refere, em geral, a assuntos comuns e fisicamente perceptíveis do cotidiano social. Outra hipótese a ser investigada é que parece ser cognitivamente mais difícil utilizar o discurso direto, já que esse uso exige que o falante retome com mais fidelidade o discurso do outro, assim como produza (o VD) e reproduza (o verbo presente na citação) verbos conjugados de maneira diferente. Dito de outro modo, parece ser cognitivamente mais complexo produzir um enunciado que reproduza outro na íntegra, com características sintáticas, às vezes, diferentes.

Esta dissertação é, sob vários aspectos, continuidade do trabalho desenvolvido durante três anos consecutivos como bolsista de Iniciação Científica na graduação. Nesse período, a investigação teve como foco principal os tipos semânticos de verbo (ação, processo, ação-processo e estado) e suas respectivas EA.



Este trabalho apresenta resultados que subsidiam a discussão sobre o comportamento dos verbos *dicendi* na conversação, especialmente no que se refere à sua estrutura argumental e à relação entre a oração matriz e o discurso reportado.



**CAPÍTULO 2: OS VERBOS *DICENDI*  
NA LITERATURA**

## CAPÍTULO 2: OS VERBOS *DICENDI* NA LITERATURA

Alguns autores designam a classe dos verbos aqui em foco de verbo “*dicendi*”, palavra derivada do latim que significa “verbo *de dizer*” (ou “*que diz*”); outros a chamam de verbos de enunciação e outros, ainda, de verbos de elocução. Contudo, essa é apenas uma questão de nomenclatura, não implicando, pois, divergências conceituais. Neste trabalho, referir-me-ei a eles como verbos *dicendi* (VD).

Em princípio, os VD podem ocorrer com dois diferentes tipos morfossintáticos de objeto: sintagma nominal (SN), como em (1), ou oração subordinada substantiva (OSS) introduzida pelas conjunções “que” (2) ou “se” (3)<sup>2</sup> e, em casos específicos, pela preposição “para” (4)<sup>3</sup>.

- (1) *o que que ela vai **dizer**...* (BCN, p. 97)
- (2) *ela **diz** que toma pouca água...* (BCN, p. 74)
- (3) *Ele defende a liberdade de expressão, mas não **diz** se concorda com *Ciro*.*
- (4) *e ele não admite você é:: **dizer** pra ele <não beber numa ocasião dessa>.*

Para resenhar as leituras e análises anteriores acerca dos VD, foi observado, inicialmente, como esse assunto é tratado na gramática tradicional. Em Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009), nada foi encontrado a respeito dessa classe verbal, assim como em Castilho (2010), que não é um autor de gramática tradicional, mas cujo livro foi intitulado “gramática”. Apesar disso, o comportamento desse verbo não pode ser deixado de lado, dada a sua significativa frequência – bastante alta em situações reais de interação, como se verá no Capítulo 4 –, além de, como dito, ele apresentar características sintáticas singulares, diferente das de outros verbos, no que se refere à relação estabelecida com seus argumentos.

Analisando, agora, o trabalho de Neves (2000), ela intitula os VD como “verbos de elocução” introdutores de discurso, seja esse discurso direto (DD) ou indireto (DI). Segundo a autora, no DD, o falante tem uma responsabilidade menor sobre a oração completiva, dada a característica

<sup>2</sup> Dado apresentado por Furtado da Cunha (2006b, p. 74).

<sup>3</sup> Dado apresentado por Neves (2000, p. 52).

dessa modalidade de discurso reportado, conforme o dado (5) apresentado pela autora (NEVES, 2000), e arrolado abaixo. Já no DI, que não envolve citação literal do que o sujeito diz, é construída uma paráfrase pela qual o falante assume a responsabilidade do que é referido. Assim, no primeiro caso, a dêixis fica circunscrita à própria oração citada e, por isso, independe da referência ao falante. No segundo caso, por outro lado, a dêixis é controlada pelo enunciador que cita. Essa característica afeta a morfossintaxe da oração, uma vez que a oração principal e o discurso reportado (DR) formam um período composto, como ilustra o exemplo exposto por Neves (2000), em que ela reformula o dado (5).

- (5) *E o pior é que ela sabia assinar. Aí, diz que o padre tirou o papel do bolso e **disse**: “Então assine aqui”.*
- (6) *E o pior é que ela sabia assinar. Aí, diz que o padre tirou o papel do bolso e **disse** que ela assinasse lá.*

A autora em questão considera, também, que os verbos de dizer são verbos de ação cujo complemento direto é o conteúdo que se diz. São verbos de elocução “falar” e “dizer”, que são básicos por serem neutros – isto é, não caracterizam ou classificam o modo como o discurso é reportado –, e uma série de outros que caracterizam o dizer ou o falar, como “gritar”, “berrar”, “exclamar”, “sussurrar”, “cochichar” etc., aos quais pode acrescer-se a cronologia discursiva: “retrucar”, “comentar”, “emendar”, “arrematar”, “tornar”, entre outros.

Dentre os verbos enunciativos há, ainda, segundo Neves (2000), os que apresentam lexicalizado o modo que caracteriza esse dizer, como “queixar-se”, “comentar”, “confidenciar”, “observar”, “protestar”, “explicar”, “avisar”, “informar”, “responder”, “sugerir” etc. Em resumo, ela considera que existem verbos de simples dizer, como em (5) acima, e verbos que qualificam o que é dito, como nos dados apresentados pela autora (p. 48) e reproduzidos a seguir.

- (7) *O gordinho **gritava** que aquilo era um desaforo.*
- (8) ***Berrou** que em Ponta Grossa ninguém tirava dinheiro de cego ou de capenga.*

- (9) *Michelângelo, diante de um bloco de mármore de Carrara, **exclamou** que ali dentro estava Moisés.*
- (10) *Deposto **sussurrava** que não queria desgraças.*
- (11) *Alguns disseram que só não gostaram mais da história porque não tinha fim, mas o cego **retrucou** que nenhuma história tem fim, eles era que pensavam que as histórias tinham fim.*
- (12) *Clemente **repetiu** que ia pensar.*
- (13) *E uma bela senhora, que ouvia a conversa, **emendou** que era um galanteador barato, vulgar e, para dizer tudo, gagá.*

Para Neves, os verbos de simples dizer podem constituir-se com uma oração completiva introduzida por “se”, quando o enunciado é negativo, como em (4) apresentado acima, ou interrogativo (14), dados também apresentados pela autora (p. 52).

- (4) *Ele defende a liberdade de expressão, mas não **diz** se concorda com Ciro.*
- (14) *Ele **disse** se ia passar nalgum lugar antes?*

Por fim, a referida autora observa que os verbos de elocução que assinalam discurso indireto introduzem sempre uma oração completiva, por meio de: i) conjunção “que” + oração com verbo no modo indicativo, como em (1), visto anteriormente; ii) conjunção integrante “se” + oração com verbo no modo indicativo, como em (4) e (14) já apresentados; iii) oração com verbo no infinitivo e iv) oração completiva com verbo em forma infinitiva. No que se refere a essas duas últimas formas de introduzir o discurso indireto, Neves (2000) não apresenta dados para exemplificá-los.

A oração completiva de verbos de enunciação pode trazer expresso seu sujeito, mesmo que ele seja correferencial ao da oração principal. Neves acrescenta a possibilidade de “dizer” e “pedir” construírem-se com oração completiva infinitiva introduzida pela preposição “para”. Entretanto, neste trabalho Neves (2000) também não apresenta nenhum dado que ilustre esses tipos de orações completivas mencionadas.

No trabalho citado, a autora não faz uma avaliação explícita a respeito da transitividade desses verbos. O que é possível depreender, todavia,

é que, por ela considerar que os verbos de dizer são verbos de ação cujo complemento direto é o conteúdo que se diz, o verbo enunciativo é, de modo geral, transitivo.

Por sua vez, Furtado da Cunha (2006a) considera que “parece haver, na literatura, uma tendência geral em considerar os verbos de enunciação como intransitivos” (p. 70). Além disso,

O argumento de que os verbos de enunciação são intransitivos geralmente se baseia no fato de que os complementos desses verbos se comportam de modo diferente de outros tipos de argumentos objeto direto, sejam eles representados por um sintagma nominal (SN) ou por uma oração (p. 71).

Discutindo alguns critérios geralmente utilizados para a classificação da transitividade dos VD, Furtado da Cunha (2006b) faz um apanhado (i) das propriedades utilizadas como indicadoras do caráter intransitivo da citação, tais como: marcação de subordinação, entonação e afetamento; e (ii) das propriedades utilizadas como indicadoras do caráter transitivo da citação, quais sejam: tipo morfológico de verbo, ordenação de vocábulos e número de argumentos.

No que se refere à classificação da transitividade a partir da presença (ou não) de marcadores de subordinação, Furtado da Cunha (2006b) apresenta uma ocorrência, proveniente de seus dados, em que o discurso indireto é introduzido pela preposição *para*, possível quando o verbo da oração citada está no infinitivo, como é o caso de (15) abaixo:

(15) *e ele não admite você é:: **dizer** pra ele < não beber numa ocasião dessa\_>.*

Tal dado evidencia uma possibilidade geralmente desconsiderada na maioria das Gramáticas Normativas, como, por exemplo, na de Bechara (2009), em que ele afirma:

No discurso indireto os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. **Introduzem-se pelo transpositor *que*, pela dubitativa *se* e pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando, etc.*, já vistos antes** (p. 482, grifo meu).

São exatamente essas possibilidades, muitas vezes desconsideradas, que tornam inconsistente uma classificação da transitividade baseada num critério meramente sintático. A esse respeito, Furtado da Cunha (2006b) considera que

a presença de um complementizador antes da citação não pode ser tomada como decisiva para provar o *status* de objeto da citação, a menos que o discurso seja tratado diferentemente do direto em relação a sua natureza gramatical (p. 74).

No português, os dois principais marcadores de subordinação, no que se refere ao DR, são, respectivamente, o “que” e os dois pontos “.”. Na oralidade, costumeiramente, a subordinação é indicada pela inexistência de pausa prosódica entre uma unidade entonacional e outra. Entretanto, Furtado da Cunha (2006b), apresentando os dados (4) e (5) – aqui, (16) e (17), respectivamente – afirma que

o critério da entonação não é útil para decidir sobre a natureza (in)transitiva da citação no português do Brasil, visto que na fala não apenas é possível uma pausa separando o *dizer* e a citação direta, mas também pode haver pausa entre o verbo de enunciação e a citação indireta (4), por um lado, e entre qualquer verbo transitivo e seu objeto direto, por outro (5): (p. 75)

(16) *e disse*: <que ela era uma prostituta>.

(17) *eles descobriram*: o local lá, né?

Tal fato é possível quando há um alto grau de envolvimento entre os falantes. Além dessa finalidade, esse modo de citação serve à finalidade mais atribuída ao discurso direto: a de se eximir da responsabilidade da enunciação. Sendo assim, é possível concluir que os VD e seus argumentos podem estar na mesma unidade entonacional (UE), ou podem estar separados, sem nenhuma razão sintática aparente, sendo, portanto, a quebra entonacional um fator pouco útil para determinar o grau de dependência entre a OM e o DR.

Entretanto, ainda segundo Furtado da Cunha (2006b), esses parâmetros não se aplicam totalmente a todos os objetos dos VD, uma vez que a maioria dos objetos é oracional, e não nominal. Além disso, muitos são *efetuados* – e não *afetados* – pelo VD: o fato de o objeto ser *efetuado* por esse tipo de verbo revela algum grau de transitividade, ainda que mínimo, uma vez que essa efetuação se dá por um ato de dizer executado por um sujeito-agente

volicional. Essas características indicam, portanto, algum tipo de relação entre o VD e o objeto, neste caso, o DR.

Agora avaliando as características normalmente apresentadas para definir a natureza transitiva das citações, Furtado da Cunha (2006b) sugere que critérios como “encaixamento” e “*status* independente” não são determinantes para avaliar os papéis sintático-semânticos desempenhados pelo DR. Isso porque “parece haver um descompasso entre os conceitos de complementação/encaixamento, por um lado, e independência semântica/sintática, por outro” (CUNHA, 2006b, p. 73). Tal descompasso é evidenciado se admitirmos que os VD são, normalmente, tomados como verbos de matriz típicos para orações complemento – o que sugere que o DR é um OD do VD –, e que, por outro lado, o DR é considerado uma oração independente da OM, dada sua dêixis pessoal, espacial e temporal distinta da OM – o que sugere que a OM e o DR são orações que não mantêm relação sintática, que a completude de seu sentido não depende dessa relação transitiva.

Sobre a questão da transitividade, alinhado a Furtado da Cunha (2006b), considero que os critérios de *marcação de subordinação*, *entonação* e *afetamento* – para determinar a intransitividade dos VD –, assim como os critérios de *tipo morfológico de verbo*, *ordenação dos vocábulos* e *número de argumentos* – para determinar a transitividade desses argumentos – não são úteis, especialmente se o objeto de análise for proveniente da língua em uso.





## **CAPÍTULO 3: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA**

## CAPÍTULO 3: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Pretendo, aqui, subsidiar a leitura dos seguintes e situar esta dissertação no bojo das discussões da Linguística Funcional Centrada no Uso, fazendo uma discussão dos pressupostos teórico-metodológicos que ancoram o presente estudo.

### 3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso

Este trabalho se fundamenta no arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA et al, 2013), ou Linguística Cognitivo-Funcional (TOMASELLO, 1998; 2003; MARTELOTTA, 2011).

A Linguística Funcional Centrada no Uso “parte da simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente” (FURTADO DA CUNHA et al. 2013, p. 9) e, nesse sentido, a gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das várias vicissitudes do discurso. Essa denominação é um rótulo criado pelo grupo de estudos *Discurso & Gramática*, que tem sedes na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A Linguística Funcional Centrada no Uso é, sob vários aspectos, um desenvolvimento da Linguística Funcional de base norte-americana (BYBEE, 2010). O funcionalismo norte-americano surge em meados da década de setenta, no auge da virada pragmática<sup>4</sup>, em reação às análises formais propostas pelo Gerativismo, cujo principal teórico é Noam Chomsky. Sobre o funcionalismo, Furtado da Cunha (2008) afirma que

é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. (p. 157)

Evidentemente, essa perspectiva de análise implica numa outra forma de conceber a língua e, conseqüentemente, numa outra forma de

---

<sup>4</sup> Cf. Weedwood (2002) e Furtado da Cunha (2008).

analisá-la. A abordagem funcionalista, portanto, busca explicar as regularidades da língua observada em seu contexto de uso. Assim, “seu interesse de investigação vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa [...] a motivação para os fatos da língua” (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 157). Em outras palavras, o Funcionalismo é uma teoria linguística que considera a diversidade da língua e reconhece que sua estrutura é, em grande parte, determinada por suas funções comunicativas e cognitivas.

A linguística funcional considera que a estrutura da oração é modelada pelos propósitos comunicativos dos interlocutores. Nesse sentido, os enunciados e os textos são relacionados às funções que eles desempenham na comunicação interpessoal, o que implica dizer que essa corrente linguística toma como evidência empírica dados reais de fala.

Segundo Furtado da Cunha (2008),

Os funcionalistas norte-americanos advogam que uma dada estrutura da língua não pode ser proveitosamente estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa, o que, aliás, caracteriza todos os funcionalismos até aqui mencionados. (p. 163)

Os funcionalistas da vertente norte-americana tomam, portanto, a sintaxe de uma língua como sendo algo instável, susceptível às pressões do uso e, logo, passível de constantes mudanças. Dessa forma, considera-se que haja uma forte relação entre discurso e gramática, visto que a forma da sintaxe é regida pelas estratégias de organização da fala empregadas pelos enunciadores.

De acordo com essa abordagem, a gramática das línguas é instável, não acabada, já que se ajusta às demandas cognitivas e comunicativas dos falantes. Logo, a gramática de qualquer língua exhibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes (FURTADO DA CUNHA, 2008).

Adotarei, aqui, conforme já anunciado, a conjugação, defendida por diversos pesquisadores, da Linguística Funcional à Linguística Cognitiva, resultando numa abordagem denominada Linguística Funcional Centrada no

Uso. A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é a junção de pesquisas desenvolvidas por linguistas funcionalistas (Givón, Hopper, Chafe, Thompson, Traugott, Bybee, entre outros) e cognitivistas (Taylor, Croft, Goldberg, entre outros). Essa junção “identifica uma tendência funcionalista de estudo das línguas, também denominada *Linguística Cognitivo-Funcional*, conforme Tomasello (1998)” (FURTADO DA CUNHA et al, 2013, p. 13) e Martelotta (2011).

Essas duas vertentes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos. Dentre os mais relevantes, é possível destacar: a) rejeição à autonomia da sintaxe; b) concepção de língua como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas; c) a oposição mais essencial na língua é entre um símbolo linguístico e sua importância comunicativa; d) reconhecimento do estatuto fundamental das funções da língua na descrição das suas formas; e) cada entidade linguística é definida com relação à função a que ela serve nos processos reais de comunicação; f) a semântica e a pragmática da comunicação são essenciais para se entender como as línguas evoluíram ao longo da história e, conseqüentemente, para atender às necessidades comunicativas dos falantes; g) todos os aspectos envolvidos na compreensão e uso da língua constituem objetos de estudo apropriados e h) os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural (FURTADO DA CUNHA et al, 2013).

Assim, considera-se que conhecimento do mundo e conhecimento linguístico não são separados (FURTADO DA CUNHA et al, 2013). Tomando como base essa visão, é possível depreender que as línguas são moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e funcionais que desempenham um papel na mudança linguística, na aquisição e no uso da língua. Dado o fato de as línguas terem bastante semelhança no que diz respeito às relações gramaticais que exibem, admite-se que essas semelhanças são o resultado desses princípios cognitivos e funcionais.

Se a gramática se molda a partir do uso concreto da língua pelos falantes, as análises linguísticas devem basear-se, então, nesse uso. As regularidades observadas na língua são explicadas com base nas condições discursivas em que ela é utilizada. Nesse sentido, adota-se o princípio de que

as gramáticas são emergentes (HOPPER, 1980), isto é, se moldam a partir do uso linguístico. A regularização de estratégias discursivas recorrentes é o resultado de processos de interação comunicativa estabelecidos entre os usuários da língua, os quais decorrem, por sua vez, de pressões cognitivas e pressões de uso. Dessa forma, o uso determina os padrões gramaticais, não sendo a sintaxe autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007).

A respeito da frequência, Bybee (2010, p. 204) afirma que “a frequência ou a repetição leva à perda de analisabilidade e composicionalidade, redução da forma, generalização do significado e convencionalização de inferências”. A frequência de uso cria estruturas e, portanto, é possível afirmar que ela forma paradigmas. Daí a importância de se estudar fenômenos recorrentes na língua, como é o caso dos VD e suas possibilidades de estrutura argumental (EA).

Exponho, nas seções a seguir, os princípios e as categorias de análise que utilizarei neste trabalho. São elas: i) estrutura argumental; ii) transitividade; iii) marcação; iv) contrastividade; e v) *frames*.

### **3.1.1 Estrutura argumental**

A estrutura argumental diz respeito à relação gramatical e semântica que os sintagmas nominais mantêm com seus verbos. Tradicionalmente, às EA são atribuídas uma dimensão sintática e outra semântica, em que esta focaliza a relação os papéis semânticos atribuídos aos argumentos e aquela focaliza as relações gramaticais dos argumentos (sujeito, objeto direto etc.) (FURTADO DA CUNHA, 2006a).

Mira Mateus et al. (2003) entendem a EA como sendo o resultado da seleção semântica feita pelo predicador de um enunciado. Consideram que os predicadores verbais podem projetar estruturas com (i) três argumentos, (ii) dois argumentos, (iii) um argumento e (iv) nenhum argumento. Nesse sentido, desconsideram o contexto como um fator que influencie na seleção de argumentos de um determinado verbo.

Furtado da Cunha (2006a), com base em Chafe (1979) e Fillmore (1977), afirma que “a estrutura argumental de um dado verbo especifica gramaticalmente quantos nomes vão acompanhá-lo, e que papéis vão desempenhar, na oração” (p. 117). E com base em Du Bois (2003), prossegue: “De um ponto de vista cognitivo, uma estrutura argumental nada mais é do que uma estrutura de expectativas desencadeadas pelo verbo” (p. 117).

Segundo Goldberg (1995), o significado do verbo é muito importante para a compreensão global de uma oração, e é exatamente esse sentido que determina os SN que o acompanham, desde as estruturas mais simples até as mais complexas. Nessa perspectiva, é possível depreender que cada verbo apresenta um *frame* (uma moldura) que predetermina os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos.

Entretanto, embora haja uma moldura que predetermina a quantidade e o tipo de argumento de cada tipo semântico de verbo, diversos estudos que seguem a proposta de EA de Goldberg apontam que esses *frames* não são estruturas rígidas, de modo que é possível que um mesmo verbo ocorra com diversas EA (cf. ARAÚJO; FURTADO DA CUNHA, 2009; FURTADO DA CUNHA, 2006a; LUCENA, 2010).

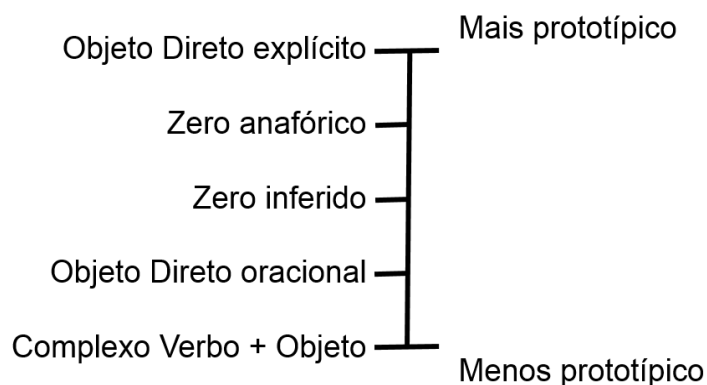
Considero, aqui, a ideia de “transitividade” (do latim *transitivus*: que vai além, que se transmite) que, em seu sentido original, denota a transferência de uma atividade de um agente para um paciente. A gramática tradicional, entretanto, concebe a transitividade enquanto uma propriedade do verbo em si, e não da oração em seu contexto pragmático-discursivo, embora muitas delas salientem que nem sempre a linha que separa um verbo transitivo de um intransitivo é nítida (SAID ALI, 1971; CUNHA; CINTRA, 1985). Dito isso, entendo “que a transitividade não é uma propriedade intrínseca do verbo enquanto item lexical, mas está sujeita a fatores que ultrapassam o âmbito do Sintagma Verbal” (FURTADO DA CUNHA, 2006a, p. 118).

Embora o quadro teórico da Linguística Funcional norte-americana, composto por linguistas como Givón, Hopper, Thompson, entre outros, tenha proposto uma alternativa de análise para a questão da transitividade, a saber: uma análise que entende a transitividade como uma propriedade escalar (ou

gradiente) da oração como um todo; neste trabalho não me proponho a examinar prioritariamente a questão da transitividade, apesar de algumas vezes comentar sobre esta categoria de análise ao longo do texto.

Utilizarei a noção de estrutura argumental, definida por Furtado da Cunha (2006a) da seguinte forma: “a estrutura argumental de um verbo representa o número de argumentos que ele pode (argumento opcional) ou deve tomar (argumento obrigatório)”. Furtado da Cunha define, ainda, *argumento* como sendo “qualquer elemento sintático relacionado ao verbo” (p. 118).

No trabalho supracitado, a partir da análise de dados provenientes da fala e da escrita, do “*Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*” (FURTADO DA CUNHA, 1998), a autora propõe um tratamento escalar do objeto direto, ilustrado na Figura 1 abaixo:



**Quadro 1:** Escala de prototipicidade da relação gramatical objeto direto no *Corpus D&G*

Essa classificação gradiente da categoria “objeto direto” implica que, como muitas outras categorias linguísticas, essa não é uma categoria discreta, uma vez que é composta por membros que não apresentam um mesmo estatuto ou as mesmas propriedades inerentes (FURTADO DA CUNHA, 2006a).

Como mencionado no capítulo introdutório desta dissertação, os VD têm uma EA diferenciada em relação a de outras classes semânticas de verbos, uma vez que ela pode codificar seus argumentos de maneira muito variada, como veremos no Capítulo 4 deste trabalho. Talvez por isso a

transitividade desses verbos e a sua configuração argumental não sejam tratadas em muitos estudos e, ainda, não haja um consenso, na literatura especializada, a respeito da classificação da transitividade deles.

Vale mencionar, ainda, que os argumentos que acompanham um predicador podem ser elementos nucleares ou periféricos: os nucleares são aqueles que codificam os participantes da cena indicada pelo verbo; enquanto os periféricos são aqueles que fazem parte da oração, mas não estão diretamente relacionadas à cena evocada pelo verbo (FURTADO DA CUNHA, 2009). Segundo Givón (2001), os argumentos nucleares que se destacam são aqueles que exercem função gramatical de sujeito e de objeto direto, ao passo que o objeto indireto, o locativo, o agente da passiva e outros são considerados periféricos.

Embora no estudo da gramática da oração a estrutura argumental se refira a dois níveis de análise, a saber (i) a relação sintática e (ii) a relação semântica que os argumentos mantêm com seus verbos, nesta pesquisa trabalhei predominantemente com o estudo da relação gramatical que os argumentos mantêm com os VD. A justificativa para esse recorte consiste na semântica do VD, que, nos meus dados, seleciona predominantemente sintagmas oracionais como argumento interno.

### 3.1.2 Transitividade

Por não ser o foco deste trabalho, a questão da transitividade dos verbos *dicendi* será discutida, aqui, de maneira mais secundária. Entretanto, exatamente pela necessidade de, algumas vezes, entrar nessa discussão, essa subseção se faz necessária.

Para Givón (2001, p. 109), a “transitividade é um fenômeno complexo que envolve tanto o componente semântico quanto o sintático”. Segundo o autor, o evento transitivo prototípico é definido pela agentividade (se há um *agente* intencional, ativo), pelo afetamento (se há um *paciente* concreto, afetado) e se o evento é perfectivo (se envolve um evento concluído, pontual).



No que se refere à transitividade das orações, Thompson (1984, apud DUARTE, 2004) e Haiman e Thompson (1984 apud DUARTE, 2004) demonstram que os verbos que apresentam complemento oracional são muito complexos para serem identificados por um critério apenas. Portanto, Haiman e Thompson propõem uma análise baseada nos modos de articulação, na qual associam a subordinação a algumas propriedades formais. Postulam que, se o DR e a OM tiverem o mesmo sujeito, tempo e modo verbal, DR e OM têm maior grau de transitividade. Para eles, essas similaridades significam maior grau de dependência do discurso reportado à oração matriz.

(18) *a bíblia diz que é pecado...* (BCN, p. 79)

Prototipicamente, o DI tem essas três características, como em (18) acima. Nesse dado, temos como único sujeito o SN “a bíblia” e o tempo e o modo verbais do VD “diz” e do verbo de ligação “é” são os mesmos: presente do indicativo.

No trabalho em que Hopper e Thompson (1980) traçam dez parâmetros para classificar, de forma gradiente, a transitividade da oração, é possível destacar dois dos critérios que dizem respeito ao objeto: o “afetamento” e a “individuação”.

O *afetamento* se refere ao grau em que uma ação é transferida ao paciente afetado, de modo que, quanto mais afetado é o paciente, mais transitiva é a oração. Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 49) exemplificam esse parâmetro afirmando que “o afetamento é mais efetivo em *Eu bebi o leite todo* do que em *Eu bebi um pouco do leite*”.

A *individuação* se refere às propriedades que caracterizam os referentes dos substantivos, que podem ser definidos como *individuado* ou *não individuado*. Um objeto é mais individuado quando o referente do substantivo é próprio, humano/animado, concreto, singular, contável e referencial/definido. Consequentemente, é menos individuado quando esse referente é comum, inanimado, abstrato, plural, incontável, não referencial.

Quanto à possibilidade de o discurso reportado dos VD ser classificado como dependente, Furtado da Cunha (2006b) aponta como um

fator normalmente considerado para essa classificação o *entrelaçamento sintático* (LEHMANN, 1988). Segundo Furtado da Cunha, com base em Lehmann, o “compartilhamento de elementos – predicados, tempo e aspecto – entre a oração principal e a citação reflete o seu entrelaçamento sintático” (p. 77). Porém, as ocorrências analisadas pela autora não ratificam essa hipótese. Segundo ela,

No discurso direto, em 24% das ocorrências o verbo da oração principal e o da citação estão no mesmo tempo, enquanto no discurso indireto a percentagem sobe para 89%. Quanto à identidade do sujeito, contudo, ambos os tipos de discurso exibem o mesmo padrão: no discurso direto, o sujeito da oração principal e da citação são idênticos em 10% dos casos, ao passo que no discurso indireto a percentagem de sujeitos idênticos é 28% (p. 78).

A partir desses dados, a autora conclui que “nenhum desses parâmetros é útil para determinar a transitividade dos verbos *dicendi* no português do Brasil, se quisermos propor um tratamento gramatical unificado para o discurso direto e o indireto” (p. 78). Levando em conta a noção de *projetabilidade*<sup>5</sup>, Furtado da Cunha (2006b) considera que

A produção de um verbo *dicendi* em uma narrativa fornece uma forte indicação do que vem a seguir. Em outras palavras, o uso de um verbo de enunciação projeta ou antecipa, a partir de sua enunciação, um “formato de citação”, isto é, um tipo de esquema construcional que emerge de sua frequência de ocorrência na fala espontânea, e que orienta os participantes do ato discursivo. (p. 79).

Isso implica dizer que, independentemente do tipo de DR, ele sempre terá algum grau de dependência da OM, considerando esses enunciados numa perspectiva semântico-pragmática.

Visando uma classificação mais precisa dos argumentos que acompanham os VD, Furtado da Cunha (2006b) defende um “tratamento escalar da complementação em termos da integração sintática com o verbo de enunciação, conforme Givón (2001)” (p. 79). Nesse sentido, propõe uma distribuição gradiente em que “a citação indireta ocupe o ponto mais alto da escala e a citação direta o mais baixo”, uma vez que, conforme comprova seu

---

<sup>5</sup> (cf. FORD; THOMPSON, 1996; TANAKA, 1999).

estudo, “as citações diretas exibem o menor grau de dependência e de integração sintática com o verbo da oração matriz” e

as citações indiretas, por outro lado, não podem ficar sozinhas, porque elas são obrigatoriamente introduzidas por um complementizador, que estabelece uma relação marcada de dependência entre as orações matriz e complemento. (p. 79)

### 3.1.3 Marcação, Contrastividade e *Frame*

O princípio da marcação, utilizado pela linguística funcional, foi introduzido pela Escola de Praga<sup>6</sup> na primeira metade do século passado e está relacionado ao contraste entre dois elementos de uma dada categoria linguística. O elemento marcado é aquele que possui uma característica “a mais” em relação ao elemento não-marcado. No campo morfológico, por exemplo, o plural é marcado em relação ao singular; no campo sintático, uma frase em que seus elementos são agrupados na ordem inversa é mais marcada em relação a uma frase com os mesmos elementos organizados na ordem mais frequente em uma determinada língua (SVO, no caso do português do Brasil).

Segundo Givón (1990), existem três critérios para distinguir uma categoria marcada de uma não-marcada, quais sejam: complexidade cognitiva, complexidade estrutural e distribuição de frequência. Furtado da Cunha et al. (2003) sintetizam esses critérios da seguinte forma:

A *complexidade cognitiva* diz respeito ao esforço mental, demanda de ação ou tempo de processamento, que uma categoria marcada tem em relação a uma não-marcada.

O critério da *complexidade estrutural* indica que a categoria marcada tende a ser estruturalmente mais complexa (ou maior) do que a forma não-marcada correlata.

O critério da *distribuição de frequência* estabelece que a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a categoria não-marcada, o que faz com que a marcada seja mais perceptível no discurso do que sua correlata não-marcada (p. 34).

---

<sup>6</sup> Cf. Weedwood (2002), Martelotta (2008).

Neste trabalho, o princípio de marcação foi considerado na classificação – utilizando, especialmente, os critérios de *complexidade estrutural e distribuição de frequência* – das estruturas argumentais dos VD como marcadas aquelas com três (ou mais) argumentos; e como não-marcadas aquelas com dois (ou menos) argumentos.

Vinculada ao princípio de marcação está a noção de *contrastividade*. Essa noção diz respeito à opção do falante em selecionar um item dentre um leque de itens possíveis, realçando ou distinguindo esses itens selecionados dos demais, a fim de despertar a atenção do interlocutor.

Para marcar linguisticamente essa seleção, o falante recorre a certos mecanismos de relevo, tais como o traço prosódico, a ruptura com a forma convencional de ordenação sintática, entre outros. Isso representa, em certa medida, uma quebra de expectativa. (FURTADO DA CUNHA et al., 2013, p. 26)

Os autores citam o seguinte trecho do *Corpus D&G Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 311) para ilustrar essa categoria:

(19) ... geralmente... eu costumo desenhar pessoas ou o rosto de pessoas... e também costumo ampliar desenhos... **a parte arquitetônica... desenho arquitetônico... desenho mecânico... eu não sou muito chegado...** eu gosto mais... de desenho artístico...

Em (19), o informante vem falando sobre sua tarefa habitual e preferida, “desenhar pessoas ou o rosto de pessoas... e também costumo ampliar desenhos”, utilizando a ordenação prototípica SVO. Entretanto, ao citar o tipo de desenho pelo qual tinha menos preferência, o falante quebra essa ordenação ao topicalizar o objeto, produzindo uma oração OSV e estabelece o contraste entre os dois tipos de desenho, dirigindo a atenção do interlocutor à informação topicalizada (FURTADO DA CUNHA et al, 2013).

Os *frames* são estruturas do conhecimento relacionadas com determinadas situações de interação. Em outras palavras, designam complexas sequências de eventos ligadas por cadeias causais. Considerando isso, entende-se que os verbos são listados no léxico com *frames* que especificam quais argumentos são obrigatórios e quais são opcionais. *Frames*

são domínios relativamente estáveis, mas susceptíveis a alterações no uso linguístico.

Furtado da Cunha (2006a), resenhando autores como Dik, Fillmore, Langacker, Payne, entre outros, afirma que

“estrutura argumental” aponta para a ideia de que o léxico de uma língua contém informação sobre as molduras (*frames*) dos verbos, que descrevem quais argumentos são indispensáveis e quais são facultativos (p. 119).

E vai além:

Para muitas línguas, isso significa listar as molduras em que um dado verbo pode participar. Parece consensual que a estrutura argumental dos verbos é um tipo de conhecimento que o falante adquire à medida que aprende a usar sua língua (p.119).

Se tomarmos como exemplo o verbo “chutar”, a valência verbal tomará os argumentos chutador (sujeito), elemento chutado (objeto direto), alvo para onde o objeto foi chutado (adjunto adverbial) etc., e esses argumentos, por sua vez, são compatíveis com papéis semânticos. Uma análise baseada em *frames*, como a apresentada por Fillmore (2003), identifica os argumentos que participam de uma situação evocada por uma determinada unidade lexical, e não se restringe à identificação de argumentos predeterminados de um item lexical.

Diretamente relacionada à noção de *frame*, está a classificação semântica dos verbos, pois essa classificação é um indicativo de quantos argumentos o verbo seleciona. No caso dos VD, segundo Furtado da Cunha (2006b; 2012), esse tipo semântico de verbo é classificado como sendo de ação-processo. De acordo com Borba (1996), os verbos de ação-processo são aqueles que expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação levada a efeito por um sujeito causativo, que afeta ou efetua um complemento, seu objeto direto. No que se refere a essa classificação semântica, ainda conforme Borba (1996), um objeto é afetado quando ele “experimenta” uma alteração física ou psicológica. Por sua vez, um objeto é efetuaado quando ele “passa a existir”, ou seja, é “criado” pelo verbo. Considerando isso, temos que o VD *efetua* seu objeto: o discurso reportado (DR).

### 3.2 Caracterização do *corpus* e aspectos metodológicos

O *corpus* selecionado para análise consiste em uma amostra que retrata a fala casual dos natalenses, o *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011). Com base nesse banco, é possível examinar diferentes estruturas linguísticas em situações espontâneas de uso da língua. Os eventos comunicativos que compõem o *corpus* foram registrados em recintos onde as pessoas normalmente se reúnem e onde a atenção não está voltada diretamente à linguagem, mas à atividade interacional em curso. Assim, os dados empíricos desse banco vão além de especulações acerca da língua, as quais, muitas vezes, não condizem com a realidade dos falantes.

O BCN foi constituído a partir: i) da gravação de vinte conversas espontâneas, sobre assuntos diversos; ii) da transcrição do material gravado, com base em normas específicas para esse fim, que reúnem as do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), normas estabelecidas pelo próprio grupo *Discurso e Gramática*, bem como algumas outras elaboradas pela *University of California*, Santa Barbara; e, por fim, iii) da segmentação do fluxo discursivo em unidades entonacionais. Desse modo, as transcrições se aproximam, tanto quanto possível, do material gravado e, assim, são relevantes para uma análise linguística que lide com dados reais de fala.

Vale considerar, também, que um dos aspectos desse *corpus* é a segmentação do material conversacional em unidades entonacionais. Para Chafe (1994), “a unidade entonacional representa a unidade fundamental do processo de produção do discurso falado. Essas unidades são limitadas por pausas que o falante naturalmente produz na fala” (CHAFE, 1994, apud FURTADO DA CUNHA, 2011). Isso significa dizer que a pausa marca o fim de uma e o início de outra UE.

As vinte conversas estão divididas por temas, quais sejam: Conversa 1 – Biblioteca; Conversa 2 – Discussão; Conversa 3 – Cursinho; Conversa 4 – Música; Conversa 5 – Pagamentos; Conversa 6 – Esporte; Conversa 7 – Família; Conversa 8 - Conversa na calçada; Conversa 9 - Jogo de futebol; Conversa 10 – Vídeo game; Conversa 11 – Aulas; Conversa 12 –

Amigas; Conversa 13 – Trabalhos escolares; Conversa 14 – Reforma da casa; Conversa 15 – Alimentação; Conversa 16 – Água de Natal; Conversa 17 – Vendedores de salgados; Conversa 18 – Casa sorteada; Conversa 19 – Almoço de domingo; e Conversa 20 – Financiamento da casa.

Neste trabalho, examinei dezesseis das vinte conversas que constituem o BCN, quais sejam: 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 19 e 20. Esse material é composto por 3h57, resultando em 8.028 unidades entonacionais, produzidas por falantes de ambos os sexos e idades variadas.

Esse *corpus* não traz informações acerca das características sociais dos falantes, como idade, escolaridade. De todo modo, essas características não seriam consideradas neste trabalho, uma vez que, pelo menos até então, não há evidências de que essas variáveis estejam relacionadas à produção do discurso reportado, ou mesmo à preferência por uma EA em detrimento de outra.

Inicialmente, realizei, manualmente, uma varredura do *corpus* a fim de levantar as ocorrências dos VD e de sua EA, foco desta pesquisa. Feito esse levantamento, adotei os seguintes passos: no primeiro momento (quantitativo), computei as ocorrências (*tokens*) e os tipos (*types*) de VD usados pelos falantes nas conversas selecionadas; no segundo momento (qualitativo), examinei a configuração argumental desses verbos, focalizando aspectos do objeto, tais como i) a maneira como esse objeto é introduzido e ii) de que maneira o objeto se relaciona com o verbo *dicendi*. Os resultados da análise qualitativa serão comprovados quantitativamente. A quantificação dos VD e de suas EA subsidiará as análises a serem realizadas.

O levantamento levou em conta os VD com objetos nominais (SN) ou oracionais (OSS) introduzidos por dois pontos, “que” ou “se”. Desse modo, trabalho com as duas formas de se introduzir o discurso reportado: a direta e a indireta. Para o desenvolvimento das etapas acima listadas, registrei as ocorrências dos VD (*types* e *tokens*) e suas respectivas EA.



## **CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS**



## CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS

A conversação é um campo fértil para a análise linguística, dadas sua riqueza e variedade de dados. No que concerne aos VD, sua ocorrência nas conversas é relativamente frequente, como veremos em seguida.

Considerando a classe verbal que focalizo neste trabalho, os sujeitos sempre desempenham o papel semântico de agente da ação designada pelo verbo. O fato de o VD introduzir um discurso reportado torna inerente a esse verbo a seleção de um argumento externo agente, uma vez que essa classe semântica de verbo necessita de um sujeito que pratique a ação de “enunciar” o argumento interno (o discurso reportado). Por isso, o papel semântico do argumento sujeito do VD não será examinado, já que ele é sempre agente.

Neste trabalho, não examinarei se há relação entre o traço semântico [+ animado] ou [- animado] do OI e o tipo de OD selecionado, uma vez que tais ocorrências não apareceram no meu *corpus*. Não desconsidero, entretanto, a possibilidade de um VD ocorrer com uma dessas configurações. Como veremos na seção seguinte, VD com OI não é uma estrutura frequente no BCN.

### 4.1 Caracterização dos verbos *dicendi* no BCN

Conforme anunciado anteriormente, neste trabalho, analisei dezesseis das vinte conversas que constituem o BCN. Nesta análise, foi possível perceber, confirmando a hipótese levantada, que o VD é recorrente na conversação, principalmente ao se levarem em conta outras classes semânticas de verbo, como é o caso dos verbos de processo, por exemplo (cf. DA SILVA, 2012). O total de ocorrências de discurso reportado foi 104. Além destas, houve 32 em que o discurso reportado não é introduzido por um VD explícito. Essas ocorrências são apresentadas, neste trabalho, pelo símbolo “VDØ”, que indica um verbo *dicendi* implícito (elíptico).

Quando se confronta essa quantidade de ocorrências com o tempo de duração das 16 conversas, temos uma média de, aproximadamente, uma ocorrência a cada 1min55.

Conforme veremos no quadro 2 abaixo, a afirmação de Neves (2000) e Furtado da Cunha (2006b) de que os “verbos de simples dizer”, como *dizer* e *falar*, são mais frequentes, são corroboradas neste trabalho, uma vez que esses dois verbos são os que ocorrem em maior número nas conversas analisadas. Contudo, Neves (2000) não considera, em seu estudo, a possibilidade de o DD ocorrer sem o verbo *dicendi*, como no dado (20) abaixo:

(20) *num é assim que ele faz sempre...  
né?  
ele mata...  
depois VDØ...  
“hum”...”  
”eu gosto muito de você”... (BCN, p. 74)*

Com base nos dados desta pesquisa, como ilustra a amostra (20), é possível dizer que a presença de discurso direto introduzido por um VD elíptico é razoavelmente frequente – quase  $\frac{1}{4}$  do total de dados – num contexto real de uso da língua e, por isso, não podemos deixar de considerar em nossa análise essa possibilidade.

A esse respeito, Furtado da Cunha (2012) diz: “My data set also register several occurrences of direct quotation in which the verb of saying is missing” (p. 11), e apresenta as ocorrências (6) e (7) – aqui enumeradas (21) e (22), respectivamente:

(21) *aí vinha um caminhão e descarregava lá, na calçada. aí maíinha:*

*<Q ei, tire esse negócio daqui Q>*

(22) *o morador tinha saído. aí ela ofereceu o apartamento. aí mãe: <Q ah, tudo bem. eu fico com o apartamento. fico pagando o aluguel pra você Q>.*

Em seguida, analisa:

(6) and (7) show some features that help to identify the bracketed utterances as direct quotation. First, there is subject change: from 3rd person (*maíinha* ‘mom’) to 2nd person singular (‘you’, omitted but recoverable from the verbal morphology) in (6), and from 3rd person (*mãe* ‘mother’) to 1st person singular (*eu* ‘I’) in (7). Second, there is also a change in verb tense: from past tense to present tense in both cases. Third, the use of particles such as *ei* and *ah* at the beginning of the reported utterances indicate that the current speaker is now quoting, and that these particles were supposedly uttered by the original speaker in the event being reported. Notice also the use of the narrative marker *aí* (‘then’) before the reference to the speaker being quoted. In addition, prosody helps to indicate that a quotation is meant, since both quotes are preceded by continuing intonation. Thus, the report verb can be omitted, but pronouns and tense are used in a manner appropriate to DQ. This kind of construction seems to be associated with a performative or enacting function of reported speech (see Golato, 2000). (FURTADO DA CUNHA, 2012, p. 12)

No caso do dado (20), temos como evidência da introdução de um DR a mudança de sujeito, de “ele” (3ª p. s.) para “eu” (1ª p. s.), e a presença do marcador conversacional “hum”, no início do enunciado. Além disso, a mudança de tempo verbal é um indicativo relevante, nos meus dados, de inserção de discurso reportado, como veremos na subseção 3.3 adiante. Por isso, é possível entender esses verbos como sendo retomados elipticamente, uma vez que esse contexto possibilita tal retomada.

O quadro 2 abaixo exhibe os verbos *dicendi* (*types*), suas ocorrências (*tokens*) e a quantidade de vezes em que cada *type* ocorreu.

Tipo ( <i>type</i> )	Ocorrência ( <i>token</i> )	Subtotal
Dizer	diz	82
	disse	
	dizer	
	diga	
	digo	
	dizendo	
Falar	falou	10
	falar	
	falei	
Fazer	faz	4
	fiz	
	fez	
Perguntar	perguntei	1
Comentar	comentei	1
Contar	contando	1

Gritar	gritar	1
Lembrar	lembrou	1
Alegar	alegou	1
Repetir	repetiu	1
Responder	respondeu	1
<b>TOTAL</b>		104

**Quadro 2: Tipos e ocorrências dos verbos *dicendi***

Os números nesse quadro ilustram a predominância dos verbos “dizer” e “falar” (89% do total de ocorrências). A respeito dos VD mais frequentes arrolados no Quadro 2, Furtado da Cunha (2006a) assevera que

Como os verbos *dicendi* variam com relação ao tipo de ato de fala que reportam, do mais pragmaticamente neutro (com *dizer*), ao mais altamente lexicalizado (com *pedir*, *perguntar*, por exemplo), a escolha de um deles representa uma opção comunicativa importante. (p. 80).

É possível dizer, também, que, num enunciado em que há a presença de um VD introduzindo um DR, o foco recai sobre o DR, uma vez que, frequentemente, a maneira como o DR foi enunciado originalmente é menos importante do que o conteúdo da enunciação em si. Ou seja, é possível dizer que o falante presume como sendo mais importante o que foi dito, em detrimento de como foi dito – já que o “dizer” não é caracterizado em 94% dos casos.

Outro aspecto interessante a respeito dos *type* de VD é que o DR foi introduzido pelo verbo “fazer”, conforme (23) abaixo:

- (23) F1 *[esse J. eu sei quem é...]*  
*esse J. eu sei quem é...*  
*é um...*  
*é um loiro né?*
- F3 *ruim que só o (cão)...*  
*ele **faz**...*  
*“sua filha é bem bonitinha”.....” (BCN, p. 132)*

Em meus dados, o verbo “fazer” introduziu o discurso reportado em quatro ocorrências, sempre como discurso direto. Ao ranquearmos os *types* de

VD, “fazer” ocupa a terceira posição, ficando atrás somente dos verbos prototípicos “dizer” e “falar”. Por isso, não se pode deixar de considerar a possibilidade de o verbo “fazer” funcionar como introdutor de discurso direto. É importante frisar que, do ponto de vista gramatical, esse verbo não introduz discurso indireto, como em: \**“Ele fez que você não voltasse mais”*.

Quanto às ocorrências dos VD que caracterizam o dizer, no BCN não temos uma diferença significativa entre elas. Dos sete *types* que ocorrem no *corpus* analisado – quais sejam: *perguntar, comentar, contar, gritar, lembrar, alegar, repetir* e *responder* –, temos apenas um *token* para cada tipo. Logo, não há preferência por VD que caracterizem a maneira como o DR foi enunciado, uma vez que em apenas 6% dos casos (8 ocorrências) a maneira como a enunciação foi proferida originalmente é indicada pela natureza semântica do verbo.

A hipótese de que os falantes preferem o discurso indireto em detrimento do direto, apresentada na Introdução, pelo fato de o DD ser cognitivamente mais custoso para os usuários da língua, uma vez que precisam recuperar e reproduzir o enunciado (noutro momento produzido por ele ou por outrem) por inteiro, se sustenta, pois o DD ocorre em 37% dos casos e o DI em 63%. Isso nos sugere que há preferência, no BCN, pelo discurso indireto, uma vez que o DI ocorre em quase  $\frac{2}{3}$  dos dados.

Aparentemente, os falantes optam pelo discurso indireto por “economia cognitiva”<sup>7</sup>, uma vez que é mais fácil processar as informações de um enunciado se o sujeito, o tempo e o modo verbal forem os mesmos: o que geralmente ocorre no DI. Em (24), temos como único sujeito o SN “uma pessoa hipócrita”, retomado, em seguida, pelo pronome “ele”. Além disso, o tempo e o modo verbais do VD “diz” e do verbo “respeita” são os mesmos: presente do indicativo.

(24) *num/num é uma pessoa hipócrita não que diz que... é... ele só respeita com... quando é com a irmã...* (BCN, p. 79)

---

<sup>7</sup> Esse princípio consiste na utilização de conhecimentos já armazenados em nossa mente, os quais são reutilizados considerando a situação e os objetivos dessa utilização.

Considerando que a estrutura argumental com citação direta normalmente apresenta sujeito, tempo e modo verbais diferentes da oração matriz, como em (25), o que as tornam mais complexas, é possível afirmar que a EA cuja citação é indireta é cognitivamente mais simples e, por isso, o DI é mais frequente.

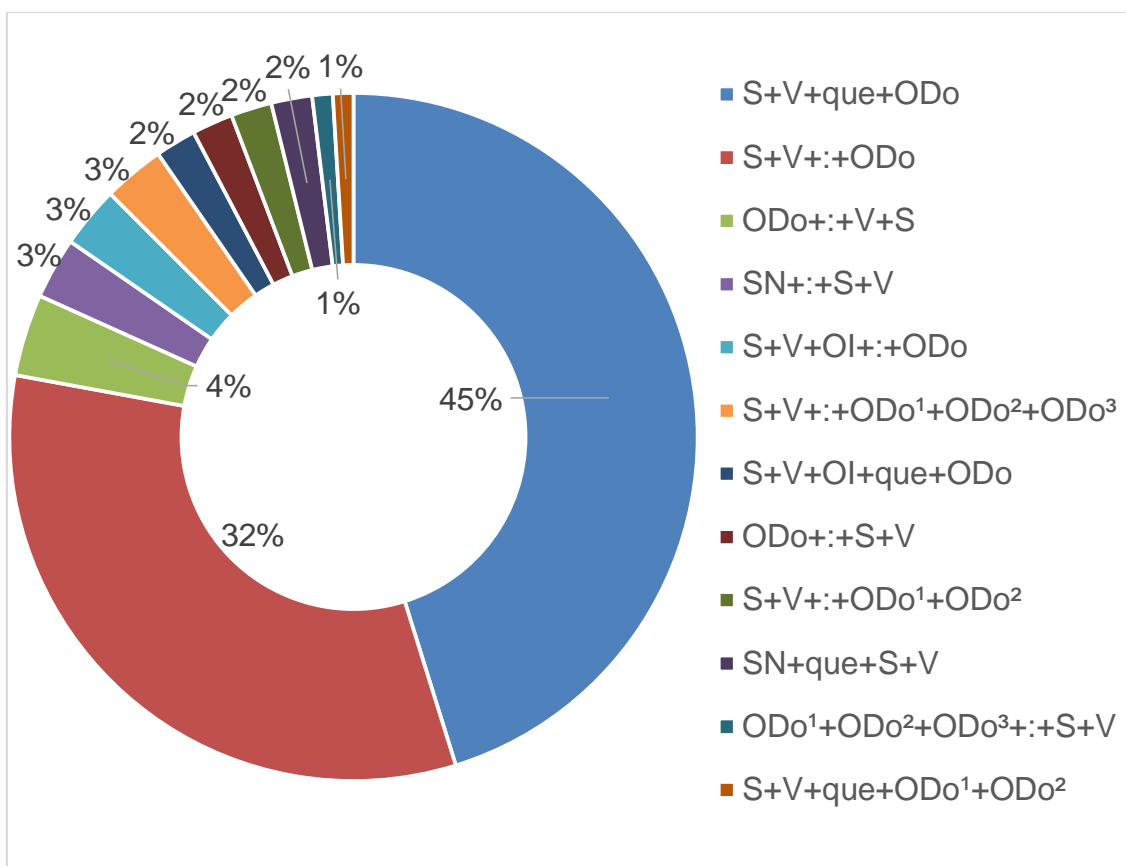
(25) *aí eu fiz: F3... vai lá... perguntar...* (BCN, p. 282)

Em (25), temos “eu” (1ª pessoa do singular), como sujeito da oração principal, e “F3”, que substitui um nome próprio (3ª pessoa do singular), e o VD da oração principal “fiz”, no pretérito perfeito, e “vai”, no imperativo.

Além disso, é preciso considerar que a ocorrência do discurso direto, para atender a alguma demanda pragmática, pode estar relacionada à tentativa de o enunciador manter a originalidade do discurso reportado, ou, ainda, de manter-se inseto em relação à enunciação citada.

#### **4.2 A configuração argumental dos verbos *dicendi* na conversação**

Como já mencionado, a EA dos VD se organiza de modo diferente de muitas outras classes semânticas de verbos, uma vez que ela tende a ser mais complexa do que dos demais, pois, além do sujeito (argumento externo) e do, quando presente, objeto indireto (argumento interno) da OM, há uma outra oração relacionada ao VD, o DR. Essa característica proporciona um campo fértil para a ocorrência de diversos tipos de EA, especialmente quando temos um *corpus* constituído de falas produzidas em situações reais de uso da língua. O Gráfico 1 ilustra a diversidade de EA encontradas no BCN e o percentual de cada tipo de estrutura que ocorreu com um VD:



**Gráfico 1: Tipos e frequência de estruturas argumentais com VD**

Nos meus dados, a EA mais frequente, conforme exposto no Gráfico 1 acima, é S+V+que+ODO, com o objeto indireto não explicitado, como em (2) e (26) a seguir. Essa estrutura é composta por sujeito, VD, complementizador “que” e um objeto direto oracional. Nessa EA, não há menção “a quem” (OI) o discurso é reportado.

- F1     *você me magoa...*  
           *né...*  
           *porque a...*  
           *a humanidade não morreria de fome...*
- F2     *é::...*  
           *eu cheguei a essa conclusão assim...*  
           *se isso [for verdade... ]*  
           *[se todo mundo] conseguisse mudar...*
- F3            *[que site?     ]*
- F2     *da mulher que não se alimenta...*  
           *[(     )     ]*

- F3 *[isso é mentira...]*  
*Analu...*  
*Analu...*  
 *você acreditou?*
- F1 *[é não... ]*  
*[é verdade...]*  
*[tá? ]*
- F2 *[eu sei... ]*  
*( ) [o que tá escrito...]*
- F1 *é verdade...*
- F2 *eu vou ver o que que [ tá escrito...]*
- F1 *[ isso não] é mentira...*  
*faz dois anos que ela não se alimenta...*
- F2 *nã::...*  
*( )...*  
*(altas) vezes [porque::...]*
- F3 *[não se alimenta...]*  
*e tá vivendo de que até hoje?*
- F1 *da luz [solar]...*
- F2 *[da luz] solar... ((risos))*
- F3 *me engana que eu gosto...*
- F1 *[ já que você não acredita... ]*
- (2) F2 *[ela **diz** que toma pouca água...]*  
*eu estou pensando...*  
*em como fazer uma experiência com essa mulher...*  
*assim...*  
*bota ela naquelas salas de vidro...*  
*onde você pode olhar bem...*  
*tudo o que ela faz...*  
*ver se ela não assalta a geladeira de madrugada...*  
*e bota ela pra engravidar...*  
*entendeu?*  
*pra ver o/se a criança vai nascer sem estômago...*
- (26) *[ porque **disse** que o estômago dela] está atrofiado...* (BCN, p. 74)



Na dinâmica discursiva da língua em uso, há informações presentes na situação comunicativa as quais os falantes compartilham, o que permite que informações como “a quem algo é dito” sejam omitidas porque elas podem ser recuperadas do contexto enunciativo. Tal recuperação ocorre em (2) e em (26), em que o argumento de *diz* (“ao site”) e, mais adiante, de *disse*, é uma informação compartilhada entre os falantes e é, portanto, omitida.

Na EA S+V+:+ODO, ilustrada no dado (27) também não há OI e ela é composta por sujeito, VD e ODo precedido por pausa (textualmente marcada por dois pontos “:”).

- F4 *meu filho...*  
*mas mãinha...*  
*num já conversou aquilo com você?*
- F2 *eu já disse...*
- F4 *vamos combinar pra amanhã...*  
*pra [Felipe vir...]*
- F2 *[nã::o... ]*  
*[mainha...]*  
*aí fica cha::to...*
- F4 *olhe...*  
*então...*  
*eu vou combinar primeiro com seu pai...*  
*pra saber se ele pode pe/levar vocês...*  
*porque eu num vou...*  
*se Felipe quer ir também...*  
*se Júnior leva...*  
*porque eu [num...]*
- F2 *[Tianna] vai ficar lá e eu...*
- F4 *[porque] ele quer...*  
*que os amigos dele venham pra qui hoje...*  
*e hoje de tarde...*  
*eu tenho um compromisso...*  
*já estava achando ótimo...*  
*porque Tianninha...*  
*tem um aniversário...*

*de um coleguinha dela da sala...*

*aí vai ser um churrasco...*

*com banho de piscina...*

*eu disse...*

*“pronto”...*

*pelo menos ele se distrai...*

*Júnior leva...*

*e eu preciso [ficar hoje em casa...]*

F1 *[ele num quer ir não é?]*

F4 *aí ele num quer ir...*

*quer esperar os amigos...*

*porque ele ontem...*

*combinou com dois amigos...*

*que os amigos vinham pra qui...*

F3 *que amigos?*

F4 *dois amigos...* ((risos))

(27) F4 *aí eu disse...*

*“só que você num combinou comigo...”* (BCN, p. 174).

Em (27), é possível perceber a quem o discurso é direcionado a partir do contexto: trata-se de uma conversa de uma mãe, F4, com um filho, F2, cujo assunto em pauta gira em torno de convidar os amigos de F2 para vir brincar com ele, em sua casa, entretanto F3 diz a F2 que havia lhe dito “só que você num combinou comigo...”. O argumento interno, F2, é inferido a partir do contexto, pois está *online* aos participantes envolvidos na interação discursiva.

Considerando o princípio da marcação, primeiramente no que se refere ao critério de *distribuição de frequência*, é possível afirmar que as EA S+V+que+ODo e S+V+:+ODo são menos marcadas porque são mais frequentes, uma vez que, juntas, representam 76% do total de ocorrências. No que se refere ao princípio da *complexidade estrutural*, temos que essas duas estruturas também têm menor forma do que a sua estrutura marcada correlata, nesse caso, as estruturas S+V+OI+que+ODo e S+V+OI+:+ODo, respectivamente, reforçando a afirmação de que essas estruturas são não marcadas. Levando em conta, enfim, que “há uma tendência geral, nas línguas, para que esses três critérios de marcação coincidam” (FURTADO DA CUNHA

et al, 2003, p. 34), e que a alta frequência e a baixa complexidade estrutural são indicativos de menor custo cognitivo, já que essas características que as tornam não marcadas demandam menos ação ou tempo de processamento, é possível afirmar que a *complexidade cognitiva* dessas estruturas é baixa, ratificando a não marcação dessas estruturas.

As dez EA analisadas a seguir, somadas, totalizam apenas 24% das ocorrências. Dessas, a com maior produtividade foi ODo+V+S, ocorrendo em 4% dos casos, embora a diferença no percentual de ocorrências entre as EA seguintes não tenha uma representação expressiva, pois essas ocorrências variam entre 4% e 1% no *corpus* em análise. A EA ODo+V+S tem OD oracional anteposto ao VD e ao sujeito, marcando uma EA de ordem sintática inversa, como em (28) abaixo:

(28) "*não... pronome adjetivo... tá classificando... é minha... minha... minha...*"  
*ele **dizendo*** (BCN, p. 197)

No dado (28), temos o DR "*não... pronome adjetivo... tá classificando... é minha... minha... minha...*" ocorrendo no início do enunciado, seguido de uma quebra entonacional, que indica a ocorrência de citação direta na conversação, do sujeito indicado pelo pronome pessoal de terceira pessoa "ele" e do VD "dizendo" conjugado na forma nominal gerúndio. Aqui, mesmo o VD estando na forma nominal, é possível admitir que o ODo e o sujeito estão pragmaticamente relacionados ao VD, uma vez que o discurso não seria caracterizado como reportado sem a presença de um VD, nesse caso, "dizendo". Além dessa EA, outras três também ocorrem com o VD posposto, são elas: SN+:+S+V, ilustrada em (29); SN+que+S+V, como em (1), citado novamente, e OD<sup>1</sup>+OD<sup>2</sup>+OD<sup>3</sup>+:+S+V, como em (30):

F4 *tá bom...*

*eu vou ler a piada de Analú...*

( )*comigo..* ((*começa a ler a piada*))...

*o FHC foi na festa de aniversário do Silvio Santos...*

*mas ao chegar na entrada da mansão...*

*percebeu que havia esquecido a sua carteira...*

- (29)        “boa noite...”  
               **falou** o porteiro...  
               “o convite por favor...”  
               ”infelizmente eu o esqueci...”  
               respondeu o FHC... (BCN, p. 76)

- (1)    o que que ela vai **dizer**... (BCN, p. 97)  
 (30)  “o que é isso? o senhor nunca me viu na TV? olha bem pra minha cara...”,  
        **falou** completamente indignado (BCN, p. 77)

Na EA representada pelo dado (29), em que o discurso é introduzido na forma direta, o argumento OD é representado pelo Sintagma Nominal “boa noite”, que está no início do enunciado, seguido do VD “falou”, e do sujeito “o porteiro”, configurando uma EA de ordem inversa. Nessa estrutura argumental, assim como nas demais EA cuja ordem dos argumentos não é a ordenação prototípica, também não temos expresso o objeto indireto, que pode ser recuperado pelo contexto: nesse caso, “o porteiro” dirigia-se a “FHC”.

No que se refere a (1), o SN “o que” ocupa a função de objeto direto, que está subordinado ao VD “dizer” pelo complementizador “que”, e a ação a ser realizada pelo sujeito representado pelo pronome pessoal “ela”. Vale frisar que as ocorrências em que o objeto direto é SN, no BCN, são raras, equivalendo a apenas 5% dos dados. Considerando que os SN, como em (29), retomam algum enunciado já citado, é possível dizer que essa baixa frequência está relacionada à necessidade, evidente na maioria das ocorrências, de expressar o DR, aparentemente foco da frase como um todo.

Já em (30), temos a ocorrência de uma EA com três argumentos internos relacionados ao VD. Os três ODo são, respectivamente, “o que é isso”, “o senhor nunca me viu na TV” e “olha bem para a minha cara”, seguido do sujeito elíptico “FHC”, indicado pela morfologia verbal do VD “falou”. Essa EA é caracterizada, também, pela posposição verbal.

A respeito da posposição do VD, considerando o princípio da marcação, temos, nas EA representadas nos dados (28), (29), (2) e (30), uma

maior *complexidade estrutural*, uma vez que elas fogem à ordenação prototípica, organizando-se em torno de um VD posposto. Somada à baixa frequência dessas estruturas, que correspondem a somente 12% das ocorrências no *corpus* em questão, é possível afirmar que essas EA são marcadas em relação às demais.

No que diz respeito à quantidade de argumentos presentes em (30), outras três estruturas também têm como característica a presença de dois ou mais ODo relacionados a um VD, quais sejam: S+V+:+ODo<sup>1</sup>+ODo<sup>2</sup> (31), S+V+que+OD<sup>1</sup>+OD<sup>2</sup> (32) e S+V+:+ODo<sup>1</sup>+ODo<sup>2</sup>+ODo<sup>3</sup> (33):

(31) e **digo** o quê? | “ei C”... | ”quanto é a matrícula?”... | “vinte e cinco”... | “quanto é mensalidade?” | “vinte e cinco”... (BCN, p. 134)

(32) ela ligou pra lá... | **disse** que não conseguiu falar comigo lá... | que que os telefone tocava... | tocava... | e ninguém atendia... (BCN, p. 114)

(33) F1 eu ainda **perguntei**...  
 “e o almoço dele você num faz não?”  
 “do menino?”

F2 hum...

F1 ”porque ele começou a comer aos sete meses”...  
 ”agora ele não quer mais nada”...

F2 lá ele num ta comendo não? (BCN, 314)

Em (31), temos o sujeito elíptico “eu”, indicado pela desinência número pessoal VD “digo” conjugado na 1ª pessoa do discurso. Relacionado a esse verbo, há o SN “o quê”, antes do DR. Esse SN, todavia, atende mais a uma necessidade discursiva do que a uma necessidade sintática, porque o referente ao qual ele aponta vem logo em seguida: no caso, o DR. Nesse trabalho, a função pragmática desse SN não foi considerada. Precedido de uma pausa entonacional, temos o primeiro ODo “quanto é a matrícula?... vinte e cinco...” e, em seguida, o segundo ODo “quanto é mensalidade? vinte e cinco”...”.

Já em (32), temos uma estrutura semelhante à expressa no dado (31). O que as torna diferentes é o modo como o discurso é citado: naquela EA, na forma direta, e nessa, na forma indireta. Em (32), o sujeito, indicado pelo

pronome pessoal de terceira pessoa “ela” realiza a ação *dicendi*, indicada pelo VD “disse”. Relacionados a esse VD, temos dois ODo, ambos introduzidos pelo complementizador “que”: primeiramente, temos “que não conseguiu falar comigo lá...” e, em seguida, “que os telefone tocava... tocava... e ninguém atendia...”. Reforçando a tese de que esses dois ODo estão relacionados ao mesmo VD, além do complementizador “que” no primeiro AI, como já era esperado, temos, também, o mesmo complementizador introduzindo o segundo argumento e, nessa segunda parte da paráfrase, não temos nenhum VD. Considerando que o argumento “que os telefone tocava... tocava... e ninguém atendia...” não pode vir desacompanhado de um verbo, é possível admitir que esse argumento está relacionado ao VD “disse”, o qual é o VD mais próximo desse segundo argumento.

Finalmente, na EA ilustrada em (33), temos como sujeito da oração matriz o pronome pessoal de primeira pessoa “eu”, que realiza a ação expressa pelo VD “perguntei”. Após a quebra entonacional, temos o primeiro “ODo”, expresso em “e o almoço dele você num faz não?”, complementado, na unidade entonacional seguinte, pelo SN “do menino” [dele]. Em seguida, F2 intercala a fala de F1 com o marcador conversacional “hum” e, logo após, F1 continua o discurso reportado com o segundo ODo “porque ele começou a comer aos sete meses”, que é, na verdade, uma resposta à pergunta do primeiro ODo que parece ser uma pergunta retórica, e, logo após, o terceiro ODo “agora ele não quer mais nada”. É possível considerar que cada um dos ODo citados equivale a um argumento interno porque, isoladamente, cada um deles teria o sentido completo se enunciado noutro contexto.

Enunciados com mais de um OD, como os quatro últimos dados analisados, não são raros em meu *corpus*: a cada nove ocorrências de VD, uma delas tem mais de um ODo relacionados ao mesmo VD. Considerando o princípio da marcação, é possível afirmar que essas EA exibem características de estruturas marcadas, por causa de sua maior complexidade estrutural, uma vez que apresenta uma quantidade de argumentos internos maior que a prototípica. Por outro lado, sua frequência indica que os falantes têm um contato significativo com essas estruturas, o que não as tornam inesperadas. Nesse sentido, é possível compreendê-las como ocupando uma posição intermediária entre as marcadas e as não marcadas.

A EA S+V+OI+:+ODO é a tradicionalmente indicada como sendo a configuração necessária à ocorrência de um VD, em que os argumentos selecionados pela semântica do VD são explicitamente expressos: sujeito, VD, objeto indireto e objeto direto. Nessa EA, o OD oracional é precedido de pausa, como em (34):

(34) *aí ele **falou** pra mim... "você lembra que eu falei isso..."* (BCN, p. 379)

Nesse dado, temos o pronome pessoal de terceira pessoa “ele”, ocupando a posição de sujeito da OM, o VD “falou” seguido pelo objeto indireto “pra mim”, que indica *a quem* algo foi dito e, depois da quebra entonacional, o objeto direto oracional “você lembra que eu falei isso”.

Além da EA acima analisada, ilustrada no dado (34), a outra que ocorreu com OI explícito foi S+V+OI+que+ODO. O que distingue essas duas EA semelhantes é o tipo de citação: naquela, direta, e nesta, indireta.

(35) *eu vou **dizer** à professora | que você está se negando a me dar informações...* (BCN, p. 76)

A frequência do OI nos meus dados foi de apenas 5%, que resultam da soma das ocorrências dessas duas estruturas. Considerando o princípio da marcação, é possível afirmar que as ocorrências que expressam *a quem* algo é dito são marcadas, por causa de sua complexidade estrutural, uma vez que apresenta um argumento a mais em sua estrutura, e de sua baixa frequência, aspectos que implicam, também, numa maior complexidade cognitiva.

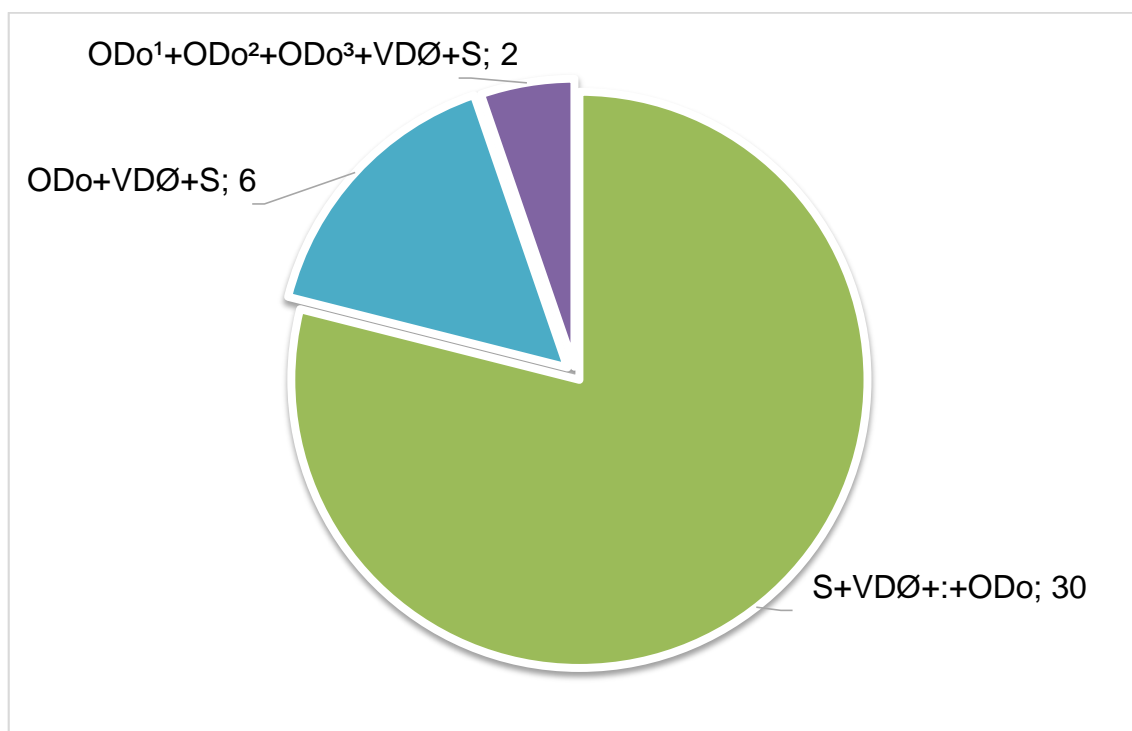
Segundo Neves (2000), a estrutura prototípica do VD é S+VD+OI+OD (englobando as duas formas de citação), como em (34) e (35) acima. Entretanto, essa estrutura raramente ocorreu, nas dezesseis conversas examinadas, se mostrando menos produtiva do que outras EA.

Esse fato nos mostra que, embora o OI seja, segundo a Neves (2000), parte integrante da EA prototípica dos VD, ao analisarmos enunciados provenientes de língua em uso, não é possível chegar à mesma conclusão. Na dinâmica enunciativa, o “a quem” o DR foi dito é uma informação que os falantes acessam no contexto discursivo e, por isso, normalmente ela não é

expressa. Com isso, é possível comprovar, então, que a postulação de Neves (2000) não se aplica à conversação espontânea.

### 4.3 A configuração argumental do discurso reportado introduzido sem verbo *dicendi*

No que se refere à EA dos VDØ, temos uma gama de ocorrências mais restrita, conforme ilustra o Gráfico 2 abaixo.



**Gráfico 2: Tipos de EA dos VDØ**

Uma vez que, no PB, não é possível que o “a quem” algo é dito seja expresso em uma EA em que o VD está implícito e, também, pela impossibilidade de o VDØ introduzir uma citação indireta, temos uma gama mais limitada de ocorrências, com apenas três tipos.

Considerando as ocorrências em que o VD é elíptico, S+VDØ+ODO é a EA mais frequente, correspondendo a quase  $\frac{4}{5}$  dos casos.

(20) *num é assim que ele faz sempre...*

*né?*



*ele mata...*

*depois VDØ...*

*“hum”...*

*”eu gosto muito de você”... (BCN, p. 74)*

Em (36), temos o sujeito representado pelo pronome “ele”, agente responsável pelo discurso reportado “hum eu gosto muito de você...”, introduzido após uma quebra entonacional. É possível identificarmos que esse discurso é reportado ao considerarmos que, no contexto em foco, esse DR é o que o agente diz, depois que “mata”.

Já na EA OD+VDØ+S, ilustrada no dado (36) abaixo, temos uma configuração semelhante à exposta no dado (20), com a diferença que a EA evidenciada em (36) está organizada na ordem inversa, com o DR topicalizado.

(36) *“mas o que você quer que eu faça?” VDØ*

Temos, aqui, o DR “mas o que você quer que eu faça?”, ocupando a posição de ODo. Em seguida, temos o sujeito que enuncia o DR, que está implícito e pode ser recuperado no contexto linguístico: “FHC”. Por conseguinte, temos, também elíptico, o VD que efetua o DR. Um aspecto relevante nessa estrutura, que é a segunda mais frequente, é a topicalização do DR. Ou seja, nessa frase, a informação mais importante é o próprio DR, de modo que o VD, juntamente com o sujeito, exatamente por não ser o foco da ação verbal, não está expresso.

Finalmente, temos a EA ODo<sup>1</sup>+ODo<sup>2</sup>+ODo<sup>3</sup>+VDØ+S (37), também organizada com a ordenação invertida, composta por três ODo, além de sujeito implícito e VDØ:

(37) *“não sei... o Pelé também esqueceu os documentos... aí eu lhe dei uma bola de futebol... e ele fez uma demonstração... que logo me convenceu... o Oscar também esqueceu os documentos... eu lhe dei uma bola de basquete... e ele fez uma demonstração... e provou que era o grande Oscar...”*, VDØ

Em (37), temos os ODo “não sei...”, “o Pelé também esqueceu os documentos... aí eu lhe dei uma bola de futebol... e ele fez uma

demonstração... que logo me convenceu...” e “o Oscar também esqueceu os documentos... eu lhe dei uma bola de basquete... e ele fez uma demonstração... e provou que era o grande Oscar...”. Após a quebra entonacional, temos o VD elíptico, que predica os argumentos internos, anteriormente mencionados, e externo, recuperado pelo contexto: “o porteiro”.


Ratificando a tese de que, nessas estruturas, há um VD elítico, é possível considerar que um discurso não pode ser reportado senão por um VD. Nesse sentido, a presença de um DR implica, necessariamente, num VD, embora esse esteja implícito, como é o caso das EA em foco. Em (36) e (37), considerando o contexto em que essas estruturas invertidas ocorrem – na enunciação de uma piada –, é possível admitir que, se expressos, o VD e o sujeito estariam na mesma posição que em (29).

Ao confrontarmos as EA que ocorreram com os VD e com os VDØ, é possível perceber que VDØ não ocorrem numa EA distinta dos VD. Ou seja, do ponto de vista da configuração argumental, a única diferença entre a ocorrência de um VD e de um VDØ é que nesse último, o VD não está explícito. As únicas características peculiares às construções com VDØ são o fato de elas, como já mencionado, não admitirem citação direta e não preencher o argumento interno da oração matriz.

Vale salientar, ainda, que a possibilidade de um VD ser elítico é possível porque, na dinâmica do discurso, os falantes envolvidos na interação comunicativa “são capazes de perceber pontos potenciais de encerramento do turno antes que qualquer encerramento real ou pausa tenha se dado” (FURTADO DA CUNHA, 2006b, p. 73-74), graças a aspectos que estão envolvidos na projeção do fim de uma unidade de turno, tais como completude entonacional, sintática e pragmática.

No que se refere ao princípio da marcação, é possível afirmar que S+VDØ+OD, que representa mais de  $\frac{3}{4}$  das ocorrências, é a estrutura menos marcada em comparação as outras estruturas em que o VD não é explícito. Além da *distribuição de frequência*, levando em conta o critério da *complexidade estrutural*, é possível conceber essa EA enquanto sendo estruturalmente mais simples, uma vez que ela menos forma em relação às

demais. Por outro lado, as EA  $OD+VD\emptyset+S$  e  $ODo^1+ODo^2+ODo^3+VD\emptyset+S$  podem ser consideradas marcadas, tanto pela sua baixa frequência, quanto pela maior complexidade estrutural, uma vez que ocorrem numa ordenação sintática menos frequente no PB.



## **CAPÍTULO 5: CONCLUSÃO**

## CAPÍTULO 5: CONCLUSÃO

Em língua portuguesa, assim como em outros idiomas – a exemplo do inglês –, os verbos *dicendi* têm características peculiares quanto aos argumentos que estão ligados a essa classe verbal, como o fato de, prototipicamente, os objetos diretos serem oracionais, possibilitando um ambiente propício a diversificadas estruturas argumentais.

No geral, é possível dizer que os únicos argumentos inerentes à ocorrência dos VD são o externo (o sujeito *agente* que enunciou o discurso reportado) e o argumento interno objeto direto (o *o quê* foi enunciado). É possível chegar a essa conclusão ao se observar que, em nenhum dos meus dados, esses argumentos deixaram de ser explicitados. Tal fato ratifica o que Givón (2001) afirma a respeito dos argumentos nucleares: aqueles que exercem função gramatical de sujeito e de objeto direto se destacam, ao passo que o objeto indireto, o locativo, o agente da passiva e outros são considerados periféricos. A ocorrência do argumento interno objeto indireto, portanto (o *a quem* algo foi enunciado), é rara, diferentemente do que Neves (2000) postula ser a estrutura prototípica. Temos, então, que os únicos argumentos que ocorrem em todos os dados são o AE (sujeito agente) e o AI (OD) introduzido pelo complementizador “que” ou não.

A necessidade comunicativa determina quantos argumentos internos OD ocorrerão subordinados ao mesmo verbo. Tal fato possibilita que tenhamos a ocorrência de diversos objetos diretos subordinados ao mesmo VD, para indicar não somente o que um falante enunciou noutro momento, mas para apontar, também, a quantidade de informação nova apresentada de uma só vez.

No que se refere à explicitação de como o discurso reportado foi enunciado, é possível afirmar que são raras as ocorrências em que essa caracterização é expressa. Isso porque, ao considerarmos as 136 ocorrências em que há discurso reportado, a caracterização dele só ocorre em 8% dos casos. Essa realidade nos mostra que, para os falantes, a maneira como o discurso foi expresso, normalmente, não é tão importante em determinados contextos enunciativos. Portanto, são marcadas as ocorrências em que o *dizer* é caracterizado.

Retomando a discussão sobre a relação entre a oração matriz e o discurso reportado por esses verbos, saliento que essa relação não é determinada por características inerentes à semântica do VD, mas sim à necessidade comunicativa dos falantes. Desse modo, utilizar classificações que estejam pautadas apenas em aspectos sintáticos e morfológicos põe à margem (ou desconsidera) da análise demandas de complementação pragmaticamente necessárias. Ou seja, numa análise que desconsidere fatores pragmáticos, não é possível explicar, por exemplo, o porquê de a explicitação do OI ser dispensável numa situação de uso linguístico real ou, ainda, de que maneira o VD pode predicar argumentos de forma elíptica.

Sendo assim, no que se refere à investigação da relação sintático-semântica que os argumentos mantêm com os VD, é possível afirmar que essa relação não ocorre de maneira estanque, de modo que possa ser investigada fora de seu contexto de uso. Só é possível determinar a relação entre os VD e seus argumentos, observando em que contexto estes são utilizados e, principalmente, considerando a que demandas enunciativas seus argumentos atendem.

Levando em conta o contexto de enunciação do DR, introduzido por um VD, é possível afirmar que, invariavelmente, no BCN, há uma relação de dependência entre a OM e o DR. Essa relação se dá a partir da necessidade de se marcar que um enunciado “X” é, na verdade, proveniente de um DR “Y”. Ou seja, urge a necessidade de se marcar que aquela fala não pertence à primeira voz do discurso, mas sim a uma segunda ou, ainda, a uma terceira voz. Nessa perspectiva, não é possível afirmar que não há relação de dependência entre a OM e o objeto oracional (DR), uma vez que essa relação é indicada pela própria necessidade pragmática de se marcar o *a quem* (ainda que elipticamente) pertence aquele enunciado reproduzido (ou, a ser produzido) dentro da fala da primeira pessoa do discurso. Um fato reforça essa análise: a possibilidade de mais de um argumento interno OD estar predicado a um mesmo VD. Os dados (30), (31), (32), (33) e (37), analisados anteriormente, nos mostram o quão os AI podem estar integrados ao VD. Se a integração entre o DR e o VD que o introduz não fosse evidente, é possível que houvesse a necessidade de enunciar um VD a cada DR introduzido na fala, uma vez que tal relação de dependência não estaria clara para o interlocutor.

É possível afirmar, ainda, que os fatores que determinam a seleção e a organização dos argumentos internos estão relacionados à necessidade comunicativa dos falantes, e não meramente à complementação verbal (derivada da semântica do verbo).

No tocante à marcação das estruturas argumentais dos verbos *dicendi*, temos que as EA não marcadas são aquelas que se organizam como S+V+que+ODo, S+V+:+ODo e S+VDØ+ODo, por causa de sua alta frequência e menor complexidade estrutural e cognitiva. Em comum, essas estruturas têm elíptico o argumento da oração matriz *a quem* algo é dito e a presença de somente um objeto direto oracional. Por outro lado, as EA marcadas são as tidas, inicialmente, como prototípicas: S+V+OI+:+ODo e S+V+OI+que+ODo. Ou seja, aquelas em que os argumentos internos OD e OI da oração matriz são explicitados. São marcadas por causa de sua baixa frequência, maior complexidade estrutural e, consecutivamente, maior complexidade cognitiva. São marcadas, também, as EA organizadas na ordem não linear, com o DR topicalizado e o VD posposto, como nas estruturas SN+:+S+V, ODo+V+S, ODo+S+V, SN+que+S+V, OD<sup>1</sup>+OD<sup>2</sup>+OD<sup>3</sup>+S+V. Além da complexidade estrutural, outro fator importante na classificação dessas estruturas como marcadas é a frequência com que elas ocorrem: têm baixa representatividade no corpus, como apresentado na análise.

Agora analisando as estruturas em que há a presença de mais de um OD relacionado ao VD, é possível afirmar que essas EA exibem características de estruturas marcadas, por causa de sua maior complexidade estrutural, uma vez que apresentam uma quantidade de argumentos internos maior que a prevista pela semântica dos verbos *dicendi*. Por outro lado, sua alta frequência indica que os falantes têm um contato significativo com essas estruturas, o que não as torna inesperadas. Considerando o critério de marcação de forma gradiente, é possível afirmar que, entre as estruturas marcadas e não marcadas, temos as *pouco marcadas* (ou, mesomarcadas = meio marcadas, ou, ainda, ±marcadas). As estruturas pouco marcadas são as que apresentam algum traço de estrutura marcada e, também, algum traço de estrutura não marcada, como é o caso das EA com mais de um OD relacionado ao mesmo VD.

Sendo assim, é possível dizer que o discurso citado, seja ele direto ou indireto, é, sempre, dependente da OM, pois ele apresenta, mesmo quando é um enunciado com traços de orações sintaticamente completas, uma forte ligação semântica e pragmática com a oração que contém o VD. Essas implicações sugerem que uma análise baseada na examinação de conjunções e justaposição de enunciados não apresenta uma caracterização precisa da relação estabelecida entre esses enunciados.





## REFERÊNCIAS

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. A estrutura argumental dos verbos de ação. **Revista PubliCa**, v. 3, n. 1, 2009.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. ver., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, S. F. *Uma Gramática de valências do Português*. São Paulo: Ática, 1996.

BYBEE, J. *Language as a complex adaptative system: the interaction of cognition, culture and use*. In: BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010, p. 194-221

CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Fundamentos teóricos da gramática do português culto falado no Brasil: sobre o segundo volume, classes de palavras e as construções gramaticais. *Alfa*, 51 (1), p. 99-135, 2007.

CHAFE, W. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1979.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DA SILVA, L. M. Análise da Configuração Argumental dos Verbos de Processo na Conversação. **Revista PubliCa**, v. 6, n. 2, 2012. p. 1-8.

DUARTE, M. E. L. **A estrutura da oração**. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.

FORD, C. E.; THOMPSON, S. A. Interactional units in conversation: syntactic, intonational, and pragmatic resources for the management of turns. In: OCHS, E.; SCHEGLOFF, E. A.; THOMPSON, S. A. (Eds.). *Interaction and grammar*. (Studies in Interactional Sociolinguistics 13). Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 134-184.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Banco Conversacional de Natal*. Natal: EDUFRN, 2011.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal, EDUFRN, 1998.

\_\_\_\_\_. **Complements of verbs of utterance and thought in Brazilian Portuguese narratives**. *Journal of Portuguese Linguistics*. v. 11, p. 3-34, 2012.

\_\_\_\_\_. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. Gragoatá (UFF), v. 17, p. 115-131, 2006b.

\_\_\_\_\_; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA. Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro/Cataguases-MG: FAPERJ/Mauad (2013).

\_\_\_\_\_. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. *O complemento dos verbos de enunciação*. Linguística (PPGL/UFRJ), v. 2, p. 69-84, 2006a.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_; SOUZA, M. M. Transitividade e seus contextos de uso. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Leituras Introdutórias em linguagem; v. 2).

\_\_\_\_\_; TAVARES, M. A. Funcionalismo e ensino de gramática. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007.

GIVÓN, Talmy. Simple verbal clauses and argument structure. In: *Syntax: An Introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. v.1, cap. 3, p. 105-171.

\_\_\_\_\_. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984-1990. 2v.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S A. **Transitivity in Grammar and Discourse**. *Language*, v. 56, n. 2, jun. 1980, p. 251-299.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 2.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEHMANN, C. A. A typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 181-225.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MIRA MATEUS, M. H. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho 2003.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.  
RODRIGUES, V. V. **O período composto: subordinação & correlação**. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. Biblioteca de Brasileira de Filologia, 19.

TANAKA, H. *Turn-taking in Japanese conversation*. A study in grammar and interaction. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

THOMPSON, S. A. 'Object complements' and conversation: towards a realistic account. *Studies in Language*, v. 26, n. 1, 2002. p. 125-164.

TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

\_\_\_\_\_. *The new psychology of language cognitive and functional approaches to language structures*. v. 2. New Jersey / London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003.

WEEDWOOD, B. *História Concisa da Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.



## I. Exemplário

### CONVERSA 2:

- 033 F2 [ela **diz** que toma pouca água...]  
 034 eu estou pensando...  
 035 em como fazer uma experiência com essa mulher...  
 036 assim...  
 037 bota ela naquelas salas de vidro...  
 038 onde você pode olhar bem...  
 039 tudo o que ela faz...  
 040 ver se ela não assalta a geladeira de madrugada...  
 041 e bota ela pra engravidar...  
 042 entendeu?  
 043 pra ver o/se a criança vai nascer sem estômago...  
 044 [ porque **disse** que o estômago dela] está atrofiado...
- 088 F4 num é assim que ele faz sempre...  
 089 né?  
 090 ele mata...  
**091** depois...  
 092 “hum”...”  
 093 ”eu gosto muito de você”... ((falando de um professor))
- 135 F3 aí...  
 136 pois eu quero...  
 137 é o quê...  
 138 Edílson?  
 139 eu vou **dizer** a professora...  
 140 que você está se negando...  
 141 a me dar informações...
- 154 F4 tá bom...  
 155 eu vou ler a piada de Analú...  
 156 ( )comigo.. ((começa a ler a piada))...  
 157 o FHC foi na festa de aniversário do Silvio Santos...

158 mas ao chegar na entrada da mansão...

159 percebeu que havia esquecido a sua carteira...

160 “boa noite...”

161 **falou** o porteiro...

162 “o convite por favor...”

163 ”infelizmente eu o esqueci...”

164 **respondeu** o FHC...

165 “desculpe-me...”

166 ”mas sem o convite...”

167 ”não posso deixá-lo entrar”...

168 **alegou** o porteiro educadamente...

169 “mas eu sou Fernando Henrique Cardoso...”

**170** ”sociólogo e presidente da República...”

171 então o porteiro...

172 pediu pra que ele mostrasse os documentos...

173 “o problema é que esqueci a carteira...”

**174** ”portanto também estou sem documentos...”

175 “desculpe-me...”

176 ”mas não posso deixá-lo entrar...”

177 **repetiu** ...

178 “o que é isso?”

179 ”o senhor nunca me viu na TV?”

180 ”olha bem pra minha cara...”

181 **falou** completamente indignado...

182 “de fato...”

183 ”o senhor é bem parecido com o presidente...”

184 ”mas sabe como é...”

185 ”existem os sócias por aí...”

186 ”o senhor vai ter que provar...”

**187** ”que é o senhor mesmo...”

**188** “mas o que você quer que eu faça?”

189 “não sei...”

190 ”o Pelé também esqueceu os documentos...”

191 ”aí eu lhe dei uma bola de futebol...”

192 ”e ele fez uma demonstração...”

193 "que logo me convenceu..."  
 194 "o Oscar também esqueceu os documentos..."  
 195 "eu lhe dei uma bola de basquete..."  
 196 "e ele fez uma demonstração..."  
 197 "e provou que era o grande Oscar..."  
 198 "pô:..."  
 199 "mas eu não sei fazer nada..."  
 200 "ok..."  
 201 "pode entrar e uma boa festa..."  
 202 ê::... ((risos))

### CONVERSA 3:

0051 F2 as coisas que (usam) por exemplo que...  
 0052 a nossa religião cristã...  
 0053 proíbe...  
 0054 né?  
 0055 e que **diz** que é pecado... ((barulho da sirene))  
 0056 que a bíblia diz que é pecado...  
 0057 né?

0071 F2 num/num é uma pessoa hipócrita não que **diz** que...  
 0072 é...  
 0073 ele só respeita com...  
 0074 quando é com a irmã...  
 0075 quando ele/é só acha que se...  
 0076 se/só deve ser respeitado quando é com a irmã dele...

0085 F1 então você **dizendo** isso...  
 0086 você tá **dizendo** que você...  
 0087 você seguiria...  
 0088 esse...  
 0089 digamos assim...  
 0090 esse seu conceito...

0098 F1 eu num quero ser hipócrita...



0099		eu/te/eu...
0100		a chegar ao ponto de <b>dizer</b> que...
0101		é::eu num faria nada...
0126	F1	ninguém pode <b>dizer</b> que é imune...
0127		ninguém é imune a...
0128		a...
0129		a...
0130		as tentações...
0156		o que <b>dizer</b> duas pessoas que são indefesas?
0250	F1	já vai fazer vinte anos...
0251		eu <b>pergunto</b> ...
0252		"você acha que sua mãe lhe criou?"
0253		"criou"?
0254		"e hoje ela lhe cria?"
0255		"não"
0626	F2	[você <b>diz</b> que ela é...]
0627		é tímida...
0646	F3	me <b>disseram</b> que eu sou gaiata...
0664		eu estou <b>dizendo</b> que ela é mais...
0665		assim...
0666		cautelosa com você...
0677	F1	(tá <b>dizendo</b> que) eu num me preocupo...
0678		com a opinião dos [outros?]
0688	F2	eu num estou inferiorizando nada...
0689		eu estou <b>dizendo</b> que ela...
0690		ela se preocupa mais...

0707 se você está conversando comigo...  
 0708 e você **diz**...  
 0709 “ó”...  
 0710 ”eu penso isso assim”...  
 0711 ”assim”...  
 0712 ”assim”...

0755 depois a gente deu uma volta por lá...  
 0756 aí voltou no da marinha...  
 0757 eu **fiz**...  
 0758 “F3”...  
 0759 ”vai lá”...  
 0760 ”perguntar”...  
 0761 “ai mulher...”  
 0762 ”vou não”...  
 0763 ”estou morrendo de vergonha”...  
 0764 “vai lá”...  
 0765 “não”...  
 0766 ”estou morrendo de vergonha”...  
 0767 ”estou morrendo de vergonha”...

0868 F1 é muito na sua...  
 0869 assim...  
 0870 ela escolhe muito...  
 0871 o que que ela vai dizer...  
 0872 ela num **diz** pras pessoas...

0917 F1 sim...  
 0918 é o que eu estou **dizendo**...  
 0919 que [todo mundo ( )]ser assim...

1017 uma colega minha **disse**...  
 1018 que rapadura com farinha...  
 1019 não tinha gosto de nada...

1024 ela **disse** que num gostava não...

1080 F1 vocês estão **dizendo** que é mentira minha?

CONVERSA 4:

084 F2 minha irmã **disse** que essa tradução de I want...

085 I want that way tava errada...

087 F2 minha irmã **disse**...

088 que a tradução de I want that way...

089 tava [errada... ]

185 F3 [( ) sobre *Five* e ( )...]

186 *Spice Girls*...

187 num **diga** que você num assistiu Raul Gil não...

188 [assistiu Raul Gil?]

CONVERSA 5:

020 F1 e o homem num **disse**..

021 que você recebesse todo [todo... ]

022 [(o serviço)...]

051 F3 o que é que **disse**?

058 F1 pra falar comigo...

059 eu não sei sobre o quê...

060 e num tem fim...

061 dessa mulhé desenrolar pra falar...

062 quando eu ligo pra lá...

063 a mulhé tá no buraco do cú do tatu...

064 quando ela liga pra cá...

065 eu num tô em casa...

066 tô trabalhando...

067 ela liga...  
 068 ela ligou pra lá...  
 069 **disse** que não consegui falar comigo lá...  
 070 que que os telefone tocava...  
 071 tocava...  
 072 e ninguém atendia...  
 073 isso aí é mentira...

## CONVERSA 6:

150 F1 pra **falar** que num tinha esporte...  
 151 tinha só porrinha...

## CONVERSA 7:

030 F3 não...  
 031 eu estou perguntando...  
 032 porque você **disse** que já tem dono...  
  
 123 F3 ruim que só o (cão)...  
 124 ele **faz**...  
 125 “sua filha é bem bonitinha”...  
  
 139 F3 (ele **disse**)...  
 140 “J cadê sua mãe?”...  
 141 “ela num pôde vir não”...  
 142 ”mas eu estou aqui”( )... ((risos))  
  
 144 F3 não...  
 145 mas simplesmente ele...  
 146 acho que eles num entregam o papel né?  
 147 porque quando eu fui entregar...  
 148 uns **diziam** logo...  
 149 “meu pai num vem porque trabalha...  
 150 ”minha mãe num vem porque trabalha...”  
 151 “menino...”

152 "leve o papel..."  
 153 "entregue a seu pai..."  
 154 "sua mãe..."  
 155 "sua avó..."  
 156 "sua tia..."  
 157 "com quem você morar" ... ((risos))

199 F3 ontem simplesmente teve uma aula...  
 200 e hoje F. nem foi...  
 201 a menina **disse**...  
 202 já telefonou pra F. que amanhã não tem...

225 F3 tu acha que isso é assim...  
 226 eu vou lá...  
 227 e **digo** o quê?  
 228 "ei C"...  
 229 "quanto é a matrícula?"...  
 230 "vinte e cinco"...  
 231 "quanto é mensalidade ?"  
 232 "vinte e cinco"...  
 233 pronto...  
 234 acabou...

#### CONVERSA 9:

129 F3 aí **disseram** que tava saindo sangue...

265 F2 ela **fez** "Ryan"...

321 F1 [thê]...  
 322 "ó::[tá vendo?]"  
 323 ele **disse**...

343 Rose telefonou...  
 344 **dizendo** que Lucas não pode vim...  
 345 porque ela tava saindo com eles...

- 346 pra ir pra praia...
- 385 eu **disse**...
- 386 “pronto”...
- 398 F4 aí eu **disse**...
- 399 “só que você num combinou comigo...”
- 413 eu disse “pronto...”
- 414 ”deu certinho...”
- 453 eu **disse**...
- 454 ”vá...”
- 455 ”fique você lá na casa de Felipe”...
- 460 só que ele **diz**...
- 461 que já foi uma vez...
- 462 agora é a vez...
- 463 de Felipe vim pra aqui...
- 465 eu **disse**...
- 466 “meu filho...”
- 467 ”vá pra lá...”
- 468 ”vá pra lá...”
- 493 mãeinha já **disse**...
- 494 que hoje mãeinha não tem condi/...
- 495 se você quiser amanhã...

#### CONVERSA 10:

- 002 F2 é Adelino que já trapaceou...
- 003 apertou o *start*...
- 004 e/e veio...
- 005 só depois que começou a correr...



- 275 aÍ ainda **disse** assim...
- 276 "como é que é?"
- 281 F2 aÍ ele **disse** bem assim...
- 282 "o que é isso aqui?"
- 285 aÍ eu **disse**...
- 286 ó pessoal...
- 287 né::...
- 288 "c'est un pronom"...
- 289 aÍ ele **disse**...
- 290 "um pronome?"
- 291 "o quê?"
- 292 "um pronome possessivo..."
- 293** aÍ ele...
- 294 "não"...
- 295 "pronome adjetivo..."
- 297 é minha...
- 298 minha...
- 299 "minha"...
- 300 ele **dizendo**...

#### CONVERSA 15:

- 084 F1 é/ ela **disse** pra mim...
- 085 "mulhé eu num posso fazer nada... "
- 086 "porque é fogão"...
- 087 "tem assim ( )"
- 088 aÍ eu **disse** assim...
- 089 "mas num/ Joana você é que tem que ter moral...
- 090 é acostumar ele...
- 091 não:: não::...



- 092 por mais que ele insista...
- 101 F1 é genioso esse...
- 102 aí eu **disse** “chega assim mais um pouquinho...
- 103 pra ver se a bunda num vai sambar também... ((risos))
- 104 pega a cabeça e joga no armá::rio Sonia...
- 114 F1 pronto...
- 115 ele bate a cabeça na parede...
- 116** aí ele se joga e se...
- 117 “não menino jogue mais”...
- 118 ”jogue mais...”
- 119 é: ele...
- 122** F1 e quando (vira) pra traz ( ) ...
- 123 “agora chore com gosto”
- 127 F1 eu ainda **perguntei**...
- 128 “e o almoço dele você num faz não?”
- 129 “do menino?”
- 133** F2 ”a ele num ta comendo não?”
- 137 F1 aí eu **fiz**...
- 138 ”mas você force”...
- 139 se Juninho comia bem... ((a pessoa perguntou para ela ))
- 140 “Regina oh”...
- 141 ”ele só não come coco nem pedra porque não pode”...
- 142 F2 menina é pra num fazer viu...
- 143 F1 “*porque o resto*”... {- complemento de 137}
- 150 F1 Juninho come tudo...
- 151 e às vezes ele...
- 152** ”num que/ num quer”...
- 153 aí deixa a fome arrochar...

- 154 pra ver se ele num come...
- 160 F1 ele dorme assim?  
161 ela **disse** que ele num tava comendo nada de panela...
- 166 F2 mãe/ mãe bota assim uma colherzinha assim...  
167 bota pra ele...  
**168** e ele...  
169 "vãmo chegar em casa ele vai comer"...  
170 por isso que eu vejo...  
171 ela só fazendo a mamadeira...  
172 é::menina...
- 173 F1 ela...  
174 se eu faço mingau... ((perguntou))  
175 "Regina ele só quer leite assim a noite...  
176 mais de dia é:: é...  
177 "sopinha"
- 200 F1 aí eu **disse**...  
201 "[Regina mais quem faz] o cardápio do filho...  
202 é a mãe"
- 324 F1 (é filho) de pobre mesmo...  
325 e Juninho acordou de meia noite...  
326 até as três horas chorando...  
327 aí tirei as fraudas dele...  
328 olhei se era formiga... ((risos))  
329 alguma coisa... ((risos))  
330 ele chorando...  
331 num parava menina...  
**332** "não"...  
333 "não sei o que é não"...  
334 e eu morrendo de sono...  
335 aí foi que Carlos **lembrou**...

- 336 “isso é a vitamina”...  
 337 aí fiz a vitamina dele...  
 346 F2 Juli enjoa...  
 347 aqui em casa...  
 348 quando eu faço leite...  
 349 assim...  
 350 aí ela...  
 351 “mãe faça uma vitamina”...

## CONVERSA 16:

- 117 F5 [ aí essa noite... ] ((falando com outra pessoa))  
 118 [eu/eu liguei pra irmã Livia... ]  
 119 ela/ ela **disse**...  
 120 ”eu falei pra você”...  
 121 ”que ela ia fazer::[a cirurgia da:”...]  
 146 F1 oi...  
 147 ó/ o que eu achei bacana...  
 148 num desejo mal pra ninguém não...  
 149 mas o que eu achei bom...  
 150 é por que um dos bairros mais nobres de lá...  
 151 só mora barão bicho...  
 152 a água ta toda nitrato...  
 153 nitrato...  
 154 poluído bicho...  
 155 aí ele mostrou também...  
 156 assim...  
 157 um (povo) assim...  
 158 mais humilde né...  
 159 aí a mulher **falou**...  
 160 “é moço:: essa água daqui”...  
 161 ”ta com um gostinho de ferro”...  
 162 ”aquele gostinho ruim”...

- 163 "mas não tem outra"...
- 164 "que qui eu vou fazer"...
- 165 taí...
- 166 lascando todo mundo... ((Silêncio))
- 167 isso é o Nordeste todinho...
- 210 F1 mais Parnamirim...
- 211 vai ficar mais importante que Natal... ((risos))
- 212 por que...
- 213 assim os:: (atos):: são assim...
- 214 mais apurados...
- 215 eu comecei lá...
- 216 Suzana...
- 217 aí Suzana riu...
- 218 aí eu **falei**...
- 219 o povo aqui em Parnamirim...
- 220 ta muito:: assim:: muito educado...
- 221 pinta o pão com manteiga pra comer...
- 222 pinta com um pincelzinho... ((risos))
- 227 F1 agora...
- 228 achei engraçado Jenn lá em casa né...
- 229 a gente tem um negócinho de aço (inox)...
- 230 que a gente bota guardanapo né...
- 231** aí ela "tio::"
- 232** "o que foi linda?"
- 233** "sua casa é muito chique"...
- 234** "porque Jenn?"
- 235** "olhe esse negócio aqui"...
- 236 "que lindo"...
- 237 de guardanapo rapaz...
- 238 não agüentei bicho... ((risos))
- 241 F1 aí eu falando com Suzana né...
- 242 eu **disse**"olhe Suzana"...

- 243 o bacana...
- 244 é que ainda tem mais um ano de inocência...
- 245 depois cabou-se...
- 246 F4 uma vez a gente chegou lá em...
- 247 aí ela **falou**:: (quer ver) meu quarto?
- 248 aí...
- 249 fomos brincar um pouquinho...
- 250 [ aí chegou... ]
- 251 [ aí chegou... ]
- 254 F4 aí chegou lá no meu quarto...
- 255 aí foi ver minhas bonecas...
- 256** aí...
- 257 “menina”...
- 258 ”sua coleção de bonecas”...
- 259 ”é muito lindo”...
- 260** F1 casa toda bagunçada e o moleque...
- 261 “é linda”... ((risos))
- 263 F1 aí meu Deus criança é demais...
- 264 aí ele correu na casa...
- 265** aí...
- 266 “menino essa casa é [muito grande...]”
- 267 num sei o que...
- 386 F2 RM. lascou muita fábrica viu... ((Silêncio))
- 387 o mecânico **contando** rapaz...
- 388 um bocado de fábrica...
- 389 rapaz...
- 390 que/ que fazia pra eles e deixou...

CONVERSA 17:

368 F3 os cabras aprende tudo...  
 369 o bonito é que ela sabe...  
 370 que vai ser concorrente dela...  
 371 ah tinha lá um:: (rapaz) também...  
 372 mora mal com a mãe rapaz...  
 373 num barraco mesmo...  
 374 barra::co...  
 375 só que o cabra já é esperto...  
 376 **disse...**  
 377 “óia aqui nesse quintal...”  
 378 ”vou botar as mesas e fazer meu restaurante...”  
 379 ”depois...”  
 380 ”vou construir um restaurante assim em baixo...”  
 381 ”e em cima vou fazer umas quitinete...”  
 382 ”que vai ser meu lucro...”  
 383 ”porque o restaurante vai ser da minha mãe...”  
 384 achei bacana...  
 385 o cabra já está enxergando lá na frente...

CONVERSA 18:

048 aí (os outros)...  
 049 “eu não quero essa porcaria não...”  
 078 F1 ai eu disse “Mô ta cheio de gente hoje...”

CONVERSA 19:

082 F1 eu/eu **comentei** que eu tinha pensado até...  
 083 **falei** com Kely ontem...  
 084 da gente fazer::cada um fazia::dois pratos...  
 085 mais diferente...  
 086 aí eu comentando com mãe... ((sobre o cardápio))  
 087 ela **disse...**  
 088 “é bom é bom isso...”  
 089 ”eu como...”

- 090 "isso aí eu como..." ((risos))  
 091 mais ai eu **falei** da lasanha...  
 092 Kely **disse** que ó/...  
 093 podia ser uma lasanha também...  
 094 eu **disse** a ela...  
 095 "uma lasanha..."  
 096 ai mãe **disse**...  
 097 que podia ser uma lasanha...  
 098 uma lasanhada...  
 099 F2 é:: mãe comeu lasanha lá em casa...  
  
 139 F1 Kely **disse** que tinha que ser umas três...  
  
 172 F1 mãe **disse** que come azeitona também...  
  
 401 F1 (comer) outro di/... ((risos))  
 402 foi o que eu quis **dizer**... ((risos))

## CONVERSA 20:

- 178 F2 a cas/( fica ) dezessete mil...  
 179 com mais quatro ( ) é isso que eu tava (**dizendo**...)  
  
 295 um dia ela chegou e **disse**...  
 296 "o dia que eu morar com sogra"...  
  
 356 F1 ela **disse** que num gosta de lá...  
  
 364 F1 [é e::vai no cartório]...  
 365 e passa uma procuração...  
 366 **dizendo** que é de Meire...  
  
 373 F4 mas ( ) como Nelson **falou**...  
 374 "passa a procuração pro meu nome..."

- 513 ai eu **disse** que era lá:: no Memorial...
- 514 ou se não...
- 515 em Parnamirim...
- 522** F4 ai ela “mulher fui lá na/ na maternidade”...
- 546 Doutor F. que morava no Rio...
- 547 ele **dizia** que a mulher que num pode ter normal...
- 571 ai ele chegou na (cara)...
- 572** e “o ano que vem cê taqui de novo”...
- 573 ai Meire “Deus me livre”... ((risos))
- 574 F4 bem que ele **disse**...
- 575 ”(o ano que vem cê num menstrua)”...
- 576 F3 foi praga de médico?
- 577 F4 ele **falou** pra mim ...
- 578 “você lembra que eu falei isso”... ((risos))
- 620 F4 ah é Célio... ((Célio chega e entra na conversa))
- 621 eu di/ eu disse...
- 622 “Ju chegou”::
- 748 F3 é isso que eu ia dizer...